



**Nossas vidas:  
histórias de mulheres Karo Arara**  
**Iba'kât kanã: ma'pâyrap at kanã xet to'**



**Jandira Keppi  
Nienke Pruiksma**  
Organizadoras



Jandira Keppi  
Nienke Pruiksma  
Organizadoras




# Nossas vidas

Histórias de mulheres Karo Arara

Iba'kât kanã  
Ma'pâyrap at kanã xet to'



2018



© FLD/COMIN e Povo Karo Arara  
Fundação Luterana de Diaconia / Conselho de Missão Entre Povos Indígenas  
Rua Amadeo Rossi, 467 – Cx. Postal 14  
93001-970 São Leopoldo/RS  
Tel./Fax: (51) 3590.1440  
www.comin.org.br

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Revisão (Português): Erny Mugge

Fotos: Nienke Pruiksma, Jandira Keppi e Rosa Arara

Desenhos gráficos: Ivan Nakawion Arara e Ronaldo Nakaxaxûg Arara

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Portão

**Tradução:** Professor Sebastião Kara'yã Péw Gavião, com colaboração dos professores e professoras Marli Peme Arara, Sandra Arara, Mariza Xagaro piwãw Arara, Célio Nakit Arara e Ronaldo Nakaxaxûg Arara

**Histórias de mulheres Karo Arara:** Auzira Txmate Arara, Cida Yary Arara, Izabel Ka'taga Arara, Janete I'gûp Pá' Arara, Joana Arara, Luiza Xere Yãy Arara, Maria Arõy Arara, Maria 'Ora yõ Arara, Maria Tereza Arara, Mariza Xagaro Piwãw Arara, Marli Peme Arara, Papi Arara, Sandra Arara e Tereza Xĩn Arara

**Autoras das falas:** Auzira Txmate Arara, Cida Yary Arara, Izabel Ka'taga Arara, Janete I'gûp Pá' Arara, Joana Arara, Luiza Xere Yãy Arara, Maria Arõy Arara, Maria 'Ora yõ Arara, Maria Tereza Arara, Mariza Xagaro piwãw Arara, Marli Peme Arara, Papi Arara, Sandra Arara e Tereza Xĩn Arara

Apoio: Pão para o Mundo-Áustria

Editora Oikos Ltda.  
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau  
93120-020 São Leopoldo/RS  
Tel.: (51) 3568.2848  
contato@oikoseditora.com.br  
www.oikoseditora.com.br

N897 Nossas vidas: histórias de mulheres Karo Arara. Iba'kât kanã: ma'pâyrap at kanã xet to'. / Organizado por Jandira Keppi e Nienke Pruiksma. – São Leopoldo: Oikos, 2018.

96 p.; il.; color.; 21 x 21 cm.

ISBN 978-85-7843-778-7

1. Índio – Cultura indígena. 2. Povo Karo Arara – Mulher. 3. História indígena. 4. Índio – Povo Karo Arara. I. Keppi, Jandira. II. Pruiksma, Nienke.

CDU 088 (=1.81-82)

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184





## Sumário



Prefácio .....	4
<i>Professora Dra. Lediane Fani Felzke</i>	
Apresentação .....	5
<i>Jandira Keppi</i>	
<i>Nienke Pruiksma</i>	
Histórias de mulheres Karo Arara	
Maria Arõy Arara .....	7
Luiza Xere Yây Arara .....	13
Maria 'Ora yõ Arara .....	19
Auzira Txmate Arara .....	23
Papi Arara .....	27
Tereza Xĩn Arara .....	31
Maria Tereza Arara .....	35
Joana Arara .....	41
Janete I'gûp Pá' Arara .....	47
Cida Yary Arara .....	53
Izabel Ka'taga Arara .....	61
Sandra Arara .....	69
Marli Peme Arara .....	75
Mariza Xagaro Piwãw Arara .....	81
Mulheres Karo-Arara e o equilíbrio dos mundos .....	95
<i>Professora Dra. Julia Otero dos Santos</i>	







## Prefácio

Este livro resulta de uma estreita relação de amizade, confiança e respeito entre a organizadora e as mulheres Karo Arara de Rondônia. Tal relação foi cimentada por anos de presença e atuação de Jandira Keppi, por meio do COMIN, junto a esse povo da Amazônia Meridional. Uma das maneiras com que essa instituição se fez presente foi promovendo encontros para trocas de saberes e experiências entre as *karo arara* e delas com mulheres de outras etnias. Dessa forma, essas mulheres que já tinham voz dentro de suas aldeias, passaram a se fazer ouvir de forma mais efetiva, não apenas entre seus parentes, mas entre os *outros*. As narrativas que leremos aqui são uma amostra dessas vozes.

Este trabalho descortina às leitoras e aos leitores um pouco do rico universo *karo arara* a partir do viés feminino. E essas mulheres têm muito a dizer. Suas falas ultrapassam as fronteiras do presente. Seus sentimentos, sua relação com o passado, com a terra, com as roças, com a família e com o futuro estão aqui expostos de maneira corajosa. Narram sua vida e suas experiências com firmeza, mesmo que seja doloroso falar das violências que conheceram quando crianças e jovens ao se deparar com o mundo dos brancos, com os quais seu povo estabeleceu contato porque “não tinha para onde fugir”, como diz Maria Arara.

Contudo, para além das dores, suas narrativas celebram a vida. De suas falas emergem a intimidade com a terra em que cresceram, da qual foram afastadas e para a qual retornaram depois de lutar para reconquistá-la. A relação com a terra, com as roças, garante a produção do alimento que faz crescer suas filhas e filhos e que promove a socialidade do povo.

A socialidade dos Karo Arara se dá em dois momentos distintos, mas inseparáveis. Realiza-se no cotidiano, por meio do cuidado com as roças, da atenção dedicada à criação dos filhos, da elaboração da comida, da confecção de artesanato e, mais recentemente, da frequência à escola; e se amplia nas festas, momentos preferidos para concretizar casamentos, experienciar rituais de pajelança e viver momentos alegres.

As narrativas são acompanhadas do texto sensível e pertinente da antropóloga Júlia Otero, que viveu com os Karo Arara e teve especial convivência com as mulheres, com as quais aprendeu o significado de ser *karo arara* em meio aos brancos e aos desafios que hoje se impõem. Esses desafios implicam também construir pessoas e socialidades por meio de outros instrumentos, a escola, o movimento indígena, a formação universitária, a profissionalização. É assim que essas mulheres cultivam a vida e tecem expectativas em relação ao que está por vir.

*Lediane Fani Felzke*

Doutora em Antropologia Social pela UNB em 2017.

Docente do Instituto Federal de Rondônia campus Ji-Paraná-RO.

Atua entre os Karo Arara e Ikólóéhj Gavião desde 2005.





## Apresentação

Este material tem a intenção de mostrar uma pequeníssima parte do mundo complexo do povo Karo Arara, contada pelas mulheres. As narrativas dessas mulheres nos mostrarão parte de suas vivências antes e após o contato com o mundo não indígena e seus olhares para o presente e futuro.

O povo Karo Arara, conhecido também como Arara ou Arara Karo, pertence à Terra Indígena Igarapé Lourdes, município de Ji-Paraná/RO. A língua materna é do tronco linguístico Tupi, família Ramarama, sendo os únicos representantes desta família linguística. Suas principais aldeias são Iterap, Paygap e Cinco Irmãos. A população é de cerca de 366 pessoas (dados da SESAI/dez. 2017).

Para definir quais mulheres relatariam suas histórias de vida fomos conversando com uma e outra e acatando sugestões. O critério ficou mais ou menos definido que seria por núcleo familiar, mas também deveria se atentar para a questão de geração e de experiências de vida. Fatos marcantes vivenciados também contribuíram para a sua inclusão.

Experimentamos várias formas de conversas. Com exceção da entrevista com Mariza, que foi gravada, a forma que mais deu certo foi a roda de conversa. A experiência com gravador ou filmagem provocou certo desconforto; por isso, optamos por anotações detalhadas durante as conversas. Frequentemente mais de uma pessoa, às vezes o próprio marido, ajudava na memória e na descontração. Íamos conversando e anotando as reflexões. Quando necessário, professoras, maridos ou alguém que falava melhor o português nos ajudavam na tradução e/ou interpretação. Depois de tudo anotado, voltávamos para ler o texto com a respectiva mulher para ver se estava tudo certo. Com exceção das mulheres mais idosas, todas falam fluentemente o português. Mas a tradução/interpretação e a memória coletiva sempre foram importantes e são características para a cultura Karo Arara.

Nas conversas não houve preocupação em delimitar espaço-tempo. Os relatos perpassam tempos antes do contato com não indígenas (que se deu por volta de 1940), pós-contato, até os dias atuais. As narrativas têm a intenção de mostrar as estratégias vivenciadas por esse povo e especificamente pelas mulheres: como conseguiram sobreviver ao contato e ao pós-contato, como elas olham a situação de seu povo hoje e quais as perspectivas para o futuro.

Somos imensamente gratas a essas mulheres e a todo o povo Karo Arara por nos permitir mergulhar nesse universo de suas vidas. Foi uma experiência que nos fez aproximar e admirar ainda mais esse povo. As falas do contato e pós-contato são relatos de vivências tristes, de violências sofridas no corpo. São histórias



díficeis de serem relatadas, mas necessárias, como disseram elas, para mostrar o quão duro e cruel foi o contato com os não indígenas. Apesar de dolorido, compartilharam suas vivências com coragem e dignidade. Ao caminhar por essas falas veremos que os atos de violência contra os povos indígenas, especialmente contra as mulheres indígenas, são carregados de preconceitos. É preciso reconhecer o peso do racismo na violência contra as mulheres indígenas e o desprezo histórico que ele tem promovido contra esses povos.

Nessas narrativas há também alegria, prazer de viver, de fazer roça grande, de beber macaloba, de fazer festa, de estudar e de olhar para o futuro com a esperança de que é possível um diálogo intercultural com o mundo dos não indígenas para uma convivência digna, justa e com respeito. Desde os seus primeiros contatos os povos indígenas estão propondo esse diálogo.

Após a conclusão das entrevistas, professoras e professores Karo Arara se dispuseram a fazer as traduções para a língua Karo Arara para usá-las em sala de aula, especialmente para o exercício da leitura e da escrita na língua materna, além de poderem refletir sobre histórias de vidas de seu povo. Embora o direito a materiais didáticos específicos seja previsto nos instrumentos legais que regulam a educação escolar indígena, os Karo Arara possuem pouco material próprio na língua materna para o trabalho em sala de aula.

Agradecimentos às professoras Sandra, Marli e Mariza, ao professor Celio e ao Ronaldo que ajudaram nas traduções. Ao Ivan e Ronaldo pelos desenhos gráficos e agradecimento muito especial a Sebastião Gavião, filho de mãe Karo Arara, pelas traduções e digitações do material. Traduzir do português para a língua materna não é tarefa fácil.

Gratidão às antropólogas professoras Dra. Lediane Fani Felzke e Dra. Júlia Otero dos Santos pelos textos que abrilhantam esta produção. Seus textos mostram quão sábias e sensíveis são, capazes de levar o leitor e a leitora a ao universo dessas mulheres Karo Arara. Somos gratas às duas e à profa. Dra. Maria Lúcia Cereda Gomide (DEINTER/UNIR) pelas leituras, pelos incentivos e apoios.

Maiores informações sobre os Karo Arara podem ser encontradas nos sites [www.comin.org.br](http://www.comin.org.br) e [www.projetomemoriasindigenasro.unir.br](http://www.projetomemoriasindigenasro.unir.br).

Este livro faz parte do projeto “Cultura, Gestão e Gênero: Mulheres Arara buscando qualidade de vida”, desenvolvido pelo COMIN, com apoio de Pão para o Mundo-Áustria. Agradecimentos muito especiais a Pão para o Mundo (Brot für die Welt) por esses longos anos de apoio ao COMIN e ao povo Karo Arara.

*Jandira Keppi*  
*Nienke Pruiksma*  
Organizadoras



*Maria Arõy Arara*







*Maria Aröy Arara*

Yary ġa' 'at owé ġa' onān, Firmino to'wa wat iyōm kây. Pagon tóp pättem wat owé ġa' to', pagon to' pättem to'wa ma'wût tap, peattem 'ōn, Pedro takâga 'wet. Owûy mây mām, wat tap péġ toy mây mām, yá 'wet Dona paraít (Miúda) ġa' kây mây mām, Firmino pepap pihmām, seringal kóa a'nān Santa Maria ká' pe'. At, seringal pe', wat iyōm tabet toyoba mây mām, aldeia, pe' i'ke te'et te'yoba xo'. Kanāy te'et teromoba mērem tero pírem. Xi'tik pe' to' pírem. Te'et naxey to' takâga, te'et kōam yeganāpe', manī to' xá te'et, ya'mo, pe'tik, op, te'a kōam. Kanāy te'et te'māra'a te'a Dona paraít (Miúda) ġa' at xirīgaw kây xi'tik to' ma'ã te'a. Wat iyōm xi'tik pěn kōam kanāpe'. Kanāy te'et te'māra'a te'a te'yoba kanā pe', kanāy te'xira'kâga kanākam te'a, te'et kanā kây. Dona paraít (Miúda) ġa' at kanā pe' te'ep paría möy to' mawára xúrem, a'möy to' ma'āt 'nāt te'a. I'at 'nāt Dona paraít (Miúda) ġa' at kanā kây 'yet iya'wara tāwrem, mú pe' te'et xi'tik xit to' ta'wara te'a no pû to' pättem, imabitättem kōam wiri kanā an nāt te'a te'et xitit ma'ã, mok pe'a ara, kanā páy to' to'wa. Tero wát kanāp Dona paraít (Miúda) ġa' 'et emet ma'ã te'kây teromaxéroba. Mây mām te'et i'ke xo' tero wága xo' kōam. 10 tem wat kanā xipap to', 'wet cidade toba kope, Vila de Rondônia to'wa Ji-Paraná xet mây mām, ponte yat i'ke xo' awây 'a' pe' balsa 'a' pe' te'ep te'nā pitēma te'a xû pe'tây xo', mây mām. Íttem xo' Vila de Rondônia kanā, paya xû pät ka'a'a' maro' môm iya xo' íttem ixû pa'pe pe' tomāra 'ya. BR 364 yat i'ke xo' werem kanóa pe' te'ep tena'āma te'a motor pe' te'ep, Vila de Rondônia xet ta'āma te'a. Firmino pe pap at kanóa 'a' nān, Miúda ġa' mēn at. Ma'wüttap toyoba kōam seringal pe' trabalhar to'wa péġ kây xi'tik to' pēya. 'Ōn Xikit toy i'ke yegope, Naúrûp, Nām Pén (Pedro) 'wa. Mây mām tabep tona'wara teyoara. Te'et naxo demarcar nān i'ke xo' yegope'. Seringalistas tap mēt xo' te'paro to' xeyegat, comandar to'wa. Barroso at seringal mēt xo' paygap nān, Nova Colina ay mām awây 'a' pem to'wa. Igarapé Lourdes 'a' 'ûy kây to'wa Firmino pepap at kanā nān, Miúda ġa' pihmām.



## *Maria Arõy Arara*



### **Seringal e o contato com os brancos**

Quando eu nasci o meu povo já tinha tido contato com os brancos. Me lembro que conhecia Dona Miúda e seu Firmino, donos do Seringal Santa Maria. Minha família morava numa colocação. A gente não morava em aldeia, cada família morava num lugar, perto da sua estrada de seringa e lá a gente também tinha roça. Plantava mandioca, cará, batata, mamão. A gente sempre ia no seringal da Dona Miúda vender borracha, o pai cortava seringa. Íamos pra lá, ficávamos um tempo e voltávamos pro nosso lugar.

No seringal da Dona Miúda eles faziam muita farinha para trocar com os seringueiros e com nós também. Para descer lá pra Dona Miúda a gente tinha que andar muito. A borracha era carregada por um burrinho. Tinha muita serra, era muito cansativo. A gente trocava a borracha por mercadoria, por roupas e ferramentas. Quando a gente ficava doente, Dona Miúda dava remédios. Mas também, naquele tempo a gente não ficava muito doente.

Eu tinha uns 10 anos quando conheci a cidade de Ji-Paraná, antiga Vila de Rondônia. Ainda não tinha ponte no rio Machado: a gente atravessava o rio de balsa. Vila de Rondônia era bem pequena, só tinha umas casinhas de palha na beira do rio. Ainda não tinha a BR 364. A gente ia de barco com motor, subindo o rio Machado até chegar em Vila de Rondônia. O barco era do seu Firmino, marido da Dona Miúda.

Alguns homens Arara moravam e trabalhavam com brancos, cortando seringa. Naquele tempo eu nem conhecia o Chiquito, o Noep, o Manechula e o Pedro. Eles saíram cedo do meio de nós.

A nossa terra ainda não era demarcada. Quem comandava aqui eram os seringalistas. Essa região onde hoje é o Paygap pertencia ao seringal do Barroso. Do Riachuelo a Nova Colina e pra cá era do Barroso; do rio Machado para lá era do Barros; e do Lourdes para baixo era do seu Firmino e de dona Miúda.







*Maria Aröy Arara*

### **SPI Xawero ma'i kanãp**

Ite Nut yané SPI toy SPI, at funcionário, moró to'wa ite Nut kây, Igarapé Lourdes 'apát posto pe' eyã to'wa, to'wa, kanãy 'at 'Íttem toyã Gavião tap pikop, kanãy a'wa'ye', toxabéya mãm xataba, Xû xú xû pe' karo tap kây. Kanãy tabet toba'kâga tãwrem, nã' tawa'ye' tona'ora, totéra Xû xú xû pe'. Penha 'a' pe' te'yop xo' te'kõna, kanãy te'wa'ye' tena'ora kõam. 'Õn, Pén (Pedro) toy i'ke xo' yegope' seringal pe' 'ap trabalhar to'wa Pimenta Bueno pe'. 'Íttem karo tap xo', pa'piktem, tabet to' ya'teba xarãp (sarampo) pe'. Nakõmnap pa'kât i'ke pa'piktem mĩn kokõm. Kanãy FUNAI wa'ye' posto Setembrinho xataba avião at pista pihmãm. Kanãy karo tawa'ye' kanã kây tona'wara, Lourdes 'a' pem Gavião tawa'ye' toyoba.

### **Naxo ma invadi nã kanã ma demarcar nã to'wa**

Yegope FUNAI 'ep te'wero toba, âk naxo ma demarcar nã to'wa. Mẽm topã ã tap páy tawa'ye', i'yat naxo, at limite mané 'erem i'ke kanã 'et to pe' marcar nã, 'yat naxo yat mãm péğ at pũ ay, Riachuelo 'a' ay Nova Colina pem xo' i'yat tabat ya'ûy paba to' mop i'yat demarcação tóp kanãy. Tãt Mario piloto at curral 'et toya mĩn kanã pe' i'yat tap ya'ûy to' mop. Kanãpe Pén (Pedro) at owã ġa' 'et tobe tã. Té ma'ẽ kap xa'pep toy, iyá no'non te'a tabet tin tabet toyoba kanã pãt tabet. Yeganã mãm 'erem i'yat tabet toyoba xo', mãy mãm. I'yat naxo ma demarcar nã kotóp kokây agricultores 'et i'yat naxo pe' tona'mãya INCRA xo' i'yat naxo ma'ãt agricultores tap kây, a xahmãy nãn xo' FUNAI kanã ma demarcar nãn yãhã to'wa. Kanã demarcar nãn yãye komã FUNAI 'ep péğ ma koroba. FUNAI 'et péğ ma pãra kope Karo tabet toyoba manã Setembrinho kanãpe i'yat ma'wût tap kanãy, Gavião tap to'wa FUNAI páy nãn péğ mana'wûya. Fãcil tem i'ke te'kây. Aldeia pũya ma'pãy tabet nakõmnap toba i'ken i'ke pãttem i'xãra kã' toya kõm ma'wût tap 'et mẽnã 'ya. Péğ ka i'yat aldeia pe' tona'mãya yek, yet. Kanãy ma'wût tabet toba'kâga pagon tóptem wen 'a' to' nã te'



## *Maria Arõy Arara*



### **Contato com o Serviço de Proteção aos Índios (SPI)**

Quem fez o primeiro contato com o SPI foi o Dutra. O funcionário do SPI de nome Ubirajara chamou o Dutra pra ficar no posto do Lourdes. Dutra ficou um tempinho lá junto com os Gavião, mas depois abriu um lugar no Alquideia para os Arara. Aí os parentes que estavam esparramados se juntaram tudo no Alquideia. A gente morava na Penha e também veio pra cá. Eu ainda não conhecia o Pedro, que trabalhava num seringal em Pimenta Bueno. Eram poucos Arara: muitos tinham morrido de sarampo. Não tinha muita criança como hoje. Depois a FUNAI criou um posto no Setembrinho, com pista de pouso. Aí os Arara foram todos pra lá, os Gavião continuaram no Lourdes.

### **Invasão e demarcação**

Nesse tempo, a FUNAI começou a discutir com a gente sobre a demarcação de nossa terra. Os mais antigos foram indicando onde eram nossas terras. Mesmo assim, muitas áreas nossas ficaram fora dos limites. A demarcação deveria ter incluído do Riachuelo para cá até Nova Colina. Muitos cemitérios nossos ficaram fora da demarcação. Onde hoje é o curral do Mario Piloto é cemitério nosso. Lá foi enterrada a mãe do Pedro. Moradores daqui de perto sempre falam que encontram cerâmicas e machadinhas enterradas nas suas terras. São sinais de nossa presença em toda essa área.

Antes da demarcação, nossa terra estava invadida por agricultores. O INCRA tinha cortado parte de nossa terra e distribuído para os agricultores, mesmo sabendo que a FUNAI já tinha começado com a demarcação. Só depois que ela foi demarcada, a FUNAI começou a expulsar esse pessoal.

Quando a FUNAI começou a fazer a retirada dos agricultores, os Arara moravam no Setembrinho. Os homens Arara e Gavião ajudaram muito a FUNAI nessa expulsão. Não foi fácil pra nós. As mulheres ficaram cuidando da aldeia e das crianças. A gente nem dormia de noite, pensando no que podia acontecer com os homens e com medo que os brancos atacassem a nossa





*Maria Arõy Arara*

tóp kanãp. O'úttap paraít mãm yegope'. I'yat xĩm kât i'ke, ip kōam i'noga nāt to'wa. Kanãy tabet toxira'kât kanãp tobetōa mekōm topâ te'et pég makoroba ã to'wa kanã xetiga pég pewiup ma enfrentar nã pâ te'et to'wa, 'at topâ temaxáy to'oa te yapit iga xo' to'wa. Kanãy invasor 'et Pén (Pedro) wĩn iga xo' armado tem tokâga, kanãy to'wa Pén (Pedro) iyá xara móm takâga.

### **I'yat naxo mêt**

Kanãy te'et tero sofrer nã té mêt naxo ma conquistar nãn nāt te'a. Kanãpe 'wep oxára ká' toya aget tap kây. Kanãy tabet i'ke valorizar to'wa naxo kây. Kanãy tabet to xeti xetóba yet lutar ya' kanã kây i'tâ mēganã ma garantir nãn nāt i'yat owé tap kây kanãy i'yat toto tap kây. Kanãy to'wa towero ya'xi tapĩga i'yat naxo i'ke mêt to'wa União at kanã to'wa. Nãn nã xo' i'yat kanã nã ya'mãm. Kanãy yet xo' iyapía ã ya xo' pég kây kanã ma conquistar nãn nāt ya', kanãy kanã ma demarcar nã invasor ma koroba 'ya i'yat naxo kotóy i'ke mêt kanãy yet sofrer 'ya kanã ma conquistar nãn nāt 'ya.

aldeia. Às vezes os homens passavam mais de mês fora, e nós sem notícias deles. Meus filhos ainda eram pequenos. A gente não tinha carne e peixe suficientes. Quando eles voltavam, contavam o sofrimento que eles estavam passando, enfrentando invasores brabos e armados de espingardas. Sofriam ameaças de morte. Uma vez o Pedro só não morreu por sorte; ficou cara a cara com um invasor armado e ele só com um facãozinho.

Nós sofremos muito pra conquistar essas terras. Por isso que eu fico preocupada com os nossos jovens. Hoje parece que eles não dão valor pra nossa terra. Se esquecem que lutamos muito pra garantir essa área pra nossos filhos e nossos netos. Ficam falando que essa terra não é nossa, que é da União. Como que não é nossa? Colocamos nossas vidas em risco pra conquistá-la. Lutamos para demarcá-la e expulsar todos os invasores. Essa terra é nossa sim, e de mais ninguém, foi conquistada a troco de muito sofrimento nosso!



*Luiza Xere Yãy Arara*







## *Luiza Xere Yäy Arara*

### **Péğ xawero ma'iba**

Riachuelo 'a' pe' 'wep péğ toba yané', kanã 'et, Mario Piloto at fazenda nã 'mĩn ã kanã pe', Mēt at curral 'et mĩn toya kanã pe' marók ká' xú ká' yap xo'. Kanã pe' i'târap yop xo' pa'piktem. Onéra kokây wat owã ġa' 'ep to'a Barroso at ka'a'a' kây Riachuelo 'a' pe'tây, Muyik ġa', ġa' ta'at Barroso at tap at tak ma' xat 'nãt to'wa, yegope Barroso 'et tagûp ƒt 'ûp taya topáro pe', kanãy owã ġa' wa'ye' to yaro'mây nã tomãya at kayáro pe' at tagûp tâga. Púğ, púğ, púğ a'wa'ye' komây kây. Kanãy xirup te'wa'ye' te'koroba, a'ût tap kōam xirup to'wa koroba naxo kây. Kanãy i'yat tawa'ye át iyapit a'pem to'wa tona'wara, maw'ût tap mōm tobeyoara, Barroso at seguinal pe'. Xãk mãm wat owã ġa' wa'ye' tap ara piaárattem i'târap 'et Barroso kây, át 'igûp Nuba at awe wĩn, kanãy 'at kōam i'târap xet to' yapía. Patoy i'târap ya'xi takoria mây mãm. Wero pãttem Muyik ġa' tokōna pewiuptem. Apây Maria ġa' mâymãm. A'pay yâye' at owé tabet móro to'wa xo' Maria ġa' kây, kanã, ġa' 'et i'ke to'a. Barroso kây ma'ût tap 'ep xi'tik péa, makóp péya to'wa kōam. Wiri kanã mã 'ap kanã ma'ã tap páro piara.

### **I'koroba**

Iba'kât komã 'yep mây mãm kanãp 'yep i'koroba, i'koroba 'ya iba'pígat i'ke xo' nakōmnap kōam, mĩn 'yep ibewaba i'yat nakōmnap topa'píga. Ka'porok i'yat maník kap ximã, ixagâp to' ximã wēw 'yet, mây mãm. Mĩn 'yet pa'piktem ixagâp to' takâga: colchão 'a', coberta 'a', travesseiro 'a', fogão 'a', geladeira 'a' to'wa ibe'xûn yat i'ke mĩn i'kōna. Gavião tap ibipe yoan yâye' koto pemōm karo tap 'ep tobewaba. Mây mãm i'yat tap yem topaga toba'kâga. Tât Nova Colina pe' mĩn kanã pe' Xia Mot at iyōm 'et toyã xo' yamóra xû' pirem tap páy 'et toyoba tap páy to'wa gavião tap 'et toyoba kanã pe'. Mây mãm 'yep i'yoba marók ká' xú ká' pe', kanãy i'yat tabet toxabéya mãm kâga.



## *Luiza Xere Yãy Arara*



### **Contato**

Conheci os brancos no Riachuelo, hoje fazenda do Mario Piloto. Me lembro que perto do atual curral da fazenda tinha uma maloca grande; também tinha roça grande. Lá moravam muitos Arara. Os homens Arara trabalhavam para o Barroso cortando caucho. Ele dava mercadoria em troca do serviço. Quando eu era mocinha, minha mãe foi na casa do Barroso, que morava do outro lado do rio Riachuelo. A mulher do Barroso, dona Mujica, a chamou para desarmar o Barroso, pois ele queria matar os Arara. Minha mãe foi com muitos Arara para a casa dela. Aí o Barroso estava com o revólver na mão e minha mãe tomou coragem e entrou dentro da casa e tomou o revólver da mão dele e atirou pra cima, pou, pou, pou. Aí todos saíram correndo, até os filhos dele correram pro mato.

Depois, os Arara, com medo dele se vingar, fugiram, abandonaram a aldeia. Alguns homens Arara ainda ficaram naquele dia no seringal do Barroso, mas noutro dia, minha mãe foi buscá-los. Os Arara tinham muito medo do Barroso porque ele matou o irmão do finado Clovis e vivia ameaçando os Arara. Foi o Pantoja que ajudou os Arara a fugir. Dona Mujica era uma mulher boa. O marido dela é que era ruim. Quando a Maria, esposa do Dutra, era mocinha, ela cuidava da casa da dona Mujica. Quando ela faleceu, suas filhas mandaram chamar a Maria para se despedir dela, mas Maria não foi porque não tinha como ir.

### **Fugir**

Antigamente os Arara não tinham muita parada. Por isso, era mais fácil fugir. Além disso, era pouca gente, poucas crianças. Hoje os Arara fazem muita criança (risos). Era só botar a rede e umas coisinhas no paneiro, colocar nas costas e fugir. Hoje tem muita coisa, tem colchão, coberta, travesseiro, fogão, geladeira, não dá mais pra fugir...

Os Arara só aumentaram depois que pararam de persegui-los. Naquele tempo tinha Arara espalhado pra todo canto, em grupos pequenos. Na atual Nova Colina morava o pai do Cícero; outro parente morava perto do Prainha; outro onde hoje moram os Gavião.







## *Luiza Xere Yäy Arara*

Wiri kanã to' 'ûra kanãp tabep tomâk tamora. Manĩk kap pe' 'yep i'kera, kanã pitigat yâye 'yet xán nã pírem i'xit mã (i'yat manĩk kap mã). Kofĩrem naxey xo' mây mãm. Ibakára yet i'ke iro'at. Kanãy 'yet iromã' kōamnem irowára, i'yat tap mãm téra i'yat ka'a' to' pēya.

### **Naxo xabara**

I'yat naxo xabara kope i'yat tabet i'ke toroxahmây nã kanã xabara. Pagonno' páttem i'yat marók ká' to' yap xo', Riachuelo 'a' pe'. Mĩn Mario Piloto, 'et kanã takâga toat fazenda nã tokōna tâ'. Mã i'yat naxo mané pa'kâp ã i'yat tabet i'ke toroxahmây nã, kanã xabara kope'.

### **Marók ká' to' ji-Paraná pe'**

Xagárokōmnem, Nãm at iyōm 'et marók ká' to' pēya xo', tât Ji-Paraná pe', igreja catolica 'a' pírem, kanãy Awây 'a' pa'pe' pírem to'wa kōam. Cidade nã kanã 'et yâye' vila de Rondônia nã, kokây xo', naxo móm mē pû' ay xo'.

### **Naxey**

I'yat tabet tík mĩn toat tap to' páy nã, komã 'wep nanin. Mây mãm 'yep xo' i'kōna iropáy nã'. Mĩn 'yep ixagâp toba i'mãm i'kōna. Tap mâk i'ke kōam naxey takât mĩn. Tabet moy mabewaba, tabet i'ke a'pe to', xatã kōam, kanãy moy 'et mōn tabat naxey to' tabexéba. Wat naxey pe' 'wep iwa tâ, manĩ tâ, nãya tâ, mara'ã tâ 'wa kanãy moy 'et kanã mâk tabexéba. Kanã 'et tobeyoara, kanã tabexéba yate wa'ye' yaraxewak to'wa kōam. Tãwrem naxey to'. Moy móm iyop aldeia pírem. Kanãp 'yep naxey mãm gât ya táw kanãp.



## *Luiza Xere Yäy Arara*



Naquele tempo a gente morava em malocas grandes. Cada família tinha um cantinho, mas cozinhavam e comiam todos juntos. Dormíamos em redes. Quando estava frio, ficávamos perto do fogo. As roças eram juntas, uma mulher ajudava a outra a fazer macaloba. Não tinha briga. Depois fomos nos separando, cada família foi construindo sua casa.

### **Demarcação**

Quando demarcaram a nossa terra, o pessoal não soube demarcar. Quatro malocas perto do Riachuelo ficaram de fora; hoje estão na fazenda do Mario Piloto. O pessoal que demarcou a terra nem perguntou pra gente onde era nossa terra tradicional.

### **Malocas em Ji-Paraná**

O pai do Manechula construiu duas malocas onde hoje é Ji-Paraná. Uma era perto da igreja católica e outra perto do rio Machado. Antes de virar cidade, Vila de Rondônia, do lado de cá, era só mato; do outro lado, onde tinha a igreja católica, que agora derrubaram, tinha mais casinhas.

### **Roça**

Hoje eu queria que as pessoas trabalhassem mais juntas. Antes a gente era bem unida, fazia tudo junto. Hoje cada família tem que se virar. Tem gente que não tem roça. Alguns têm pouca roça. Tem gente que tem gado, mas não cuida da cerca, aí o gado acaba com a roça dos outros.

Na minha roça plantei banana, mandioca, milho, cará. O gado estragou tudo. Daquilo que sobrou, cateto e queixada foram lá e acabaram com o resto. As roças hoje ficam muito longe. O gado é que fica perto da aldeia. Aí a gente tem que ir longe para fazer roça, isso desanima.





## *Luiza Xere Yã Arara*

### **Mẽn**

Naval omẽn yanẽ mamât nãn xo' wat owẽ gã' Rosimar gã' at iyõm. Sarampo pe' 'ap topaba o'ût xit mabeyopãga. Kaipu takãga 'wet mĩn. Porto Velho pe' oyãm xo' omaxéroba casa do índio pe'. Kaipu kõam tomaxéroba. Kanãy 'at otoa yanẽ. Irakãga ma'pây gã' kât i'ke Apohena Mereles wa'ye' Kaipu kãy. Kaipu takãga ye' José Carlos 'et i'ke xo'. Apohena tokõna mûrûk to'wa karo ya'xi takãga manã to'wa te'kãy. ã 'wet i'ke xo' kõam. Kaipu an yahmãm i'târap pãy 'et xo' kõam tâwrem tayop karo ay to'wa kãn. Werem 'wep tabat aldeia pe' oyã, kanãy komã te'ep tena'ora.

### **Wat owẽ maxéroba**

Kẽy 'wet i'ke oyã casa do índio pe' wat owẽ pap tayã wat, owẽ maxéroba kanãpe'. Pagon to' pãttem wat owẽ at kanã xipap to' yegope. Tobakât yahmãm wat owẽ 'et xo' toyaróba yurruk, yuruk kohmã nakõm gã' kõm, hospital pe' kõam to' pap moba.

### **Maridos**

Meu primeiro marido foi o Naval, pai da Rosimar. Ele morreu de sarampo quando eu ainda estava grávida. Hoje sou casada com o Caipu. Eu estava em Porto Velho, na Casa do Índio, tratando de uma tuberculose. Caipu também estava lá a tratamento médico. Aí ele me viu primeiro. Apoena (Meireles) falou para o Caipu casar comigo porque não tinha parente Karipuna para casar com ele, porque tinha sobrado poucos Karipuna. José Carlos, da Funai de Ji-Paraná, não queria que eu me casasse com ele. Mas Apoena insistiu. Só ficava falando para gente se casar. Eu não queria me casar com ele. Outros parentes de outros povos também me aconselhavam a não casar com ele porque os Karipuna moravam muito longe dos Arara. Já os Arara não disseram muito sobre isso. Primeiro eu fui morar na aldeia dele, depois viemos morar aqui no Iterap.

### **Tratamento do filho**

Eu fiquei muito tempo na Casa do Índio porque meu filho Sebastião fazia tratamento lá. Ele tinha 04 anos quando ficou doente com paralisia infantil. Ele parou de andar, ficava só se arrastando, como se fosse criancinha. Ele ficou muito tempo no hospital.



*Maria 'Ora yõ Arara*





## *Maria 'Ora yõ Arara*

### **Mây mãm**

Yamóraxû pem owûyap mêt, mêm mãm. Mây mãm 'yet pixottem i'wára mok pe' tóp mãm i'peya makãri mã', i'oga koko mã' kōam. Ma'pâyrap toropet i'ke, paya pap 'a' móm, xit takâga toot karo pe' to' xi'pit to' pe' to'wa. Ma'wût tap kōam toroxa'tãn paya xû' mã'. Payan pãttem yegope xo' iwa, mara'ã, ya'mo, manĩ mayók, kãt i'ke xo' mây mãm. Ibenao toy 'yet mây mãm iba'kãga i'yat tap at ka'a'a' kãy iropeya, iromapûga ya' na'mëk kap to' 'oa. Kanãy moro mëk, moro mëk ya' i'yat tap to' xeyega, i'mãk tamora kãri to'wa, wiri kanã to' pãttem xo' mây mãm'ip, wayo, xĩm to'wa. Ip pãttem xo' mêt yamóraxû pe'. Xĩm to' yapía ma'wût tap xagaro kōmnem to ket to' nã, kanãy to'wa xĩm xãraã to' ta'ora na'wây, na'to, yate, yayo to'wa.

### **Pég xawero ma'iba**

Té pég top kanã ya'ti nãn i'ke xo'. Pég yoy mây mãm mêt kōam, mã i'kap i'koroba ã 'yet i'ke **toxáwa** wa'ye' te'kãy. Pég tebetót, Gavião tap to'wa kanã páy ay, zoró tap, suruí tap to'wa kanã páy ay kōam. Kanãy pég 'et 'múk 'múk to'wa ibe'ẽ mayã kanãpe te'ep pég toba. Kanãy te'et te'mãra'a yamóraxû napi to' kãy. Té a'nõ wĩn i'ke, át teyapít a'pem te'a. Barroso te'toy yanẽ', kanãy komã te'ep a'páy toba, 'mãm te'et i'ke a'kãy. 12 tem wat kanã xipap to' yegope'. Té pég toy yãye' te'wa'ye' te ya'teba kanã wãk pe'. Kûgomãt kanã wãk ahyã ã te'et i'ke texahmãy nã. Pa'piktem i'yat tabet toya'teba aldeia central pe'.

### **Marók ká pây**

Ji-Paraná pe', tãt igreja católica 'a' 'et toya mĩn kanãpe marók ká' xú ká' yap xo' mĩn mamãt tap yoy i'ke kanãpe, mãyamãt tap móm. Nãm iyã, to kûrúk mã kanãpe menã. Maderinha 'a' pe' tap páy 'et toyoba Tabajara 'a' pe' to'wa. Kanãpe pég 'et teyapít iga xo' tenharin tap 'et, Uru-eu wau wau tap kōam.





## *Maria 'Ora yô Arara*



### **No início**

Nasci no Prainha, aqui por perto mesmo. Antes do contato a gente andava sem roupa, enfeitados com colar, pintados com urucum. As mulheres não usavam nada, só enfeites de palha colocados no pescoço e na cintura. E os homens usavam um enfeite de palha para tapar na frente.

Nessa época tinha muita fartura. Tinha banana, cará, milho, carazinho, mandioca mansa. Não tinha mandioca braba. A gente fazia muita festa. Uma turma ia na casa dos outros dançando, todos enfeitados e pintados para chamar os outros para tomar macaloba. Depois ia chamar outro grupo, depois outro, até chamar todo mundo. Dançávamos muitos dias. Tinha muita comida, peixe, jacaré e carne. No Prainha tinha muito peixe. Os homens ficavam dois, três dias caçando, traziam a caça moqueada, traziam macaco, anta, porcão, tatu.

### **Contato**

A gente não queria o contato com os brancos. Mas já tinha muito branco por aqui. O tuxaua falou para nós que não tinha para onde a gente fugir. A gente estava cercado pelos brancos. De um lado tinha os Gavião e os Zoró, de outro os Suruí e de outro os brancos. Com o tempo, os brancos rodearam tudo e ficamos acuados. Aí decidimos ter contato com os brancos. Fomos para a boca do Prainha, fomos para lá todos pintados. Decidimos não matá-los porque senão eles iam nos matar também. Nosso primeiro contato foi com o Barros, depois com os outros. Não tivemos conflitos com eles. Eu tinha uns 12 anos nessa época.

Quando conhecemos os brancos, começamos a morrer de doença. Muita gente morreu de diarreia, gripe, sarampo, catapora. A gente nem sabia que doença era. Um bocado de gente morreu na Aldeia Central.

### **Maloca antiga**

No lugar que hoje é Ji-Paraná, ali onde era a igreja católica, tinha uma maloca antiga. Ninguém do pessoal de hoje chegou a morar lá, só os antigos. Acho que o Manechula, quando era pequeno, morou lá. Alguns também chegaram a morar pelo lado do Machadinho, em Tabajara. Ali foram atacados pelos brancos, pelos Tenharin e pelos Uru-Eu Wau Wau.







## *Maria 'Ora yõ Arara*

### **Pa'piktem I'târap**

Seringal pe' 'wep omẽn ara, Nút pe' ara Firmino at seringal pe'. Gavião tap te makori yâye 'wet kanã kây obe'xûra naxey to' pëya Nút pe'et seringal pe', kanãy 'wet Miúda ãa' páy nã kõam. Pa'piktem i'tá xo' mây mãm i'târap to'wa i'kây. Kanãy péğ 'et karo to'wa i'kây i'yat koko xap to' top kanãp. Karo kõm 'yet úptem i'wára. Pagono' páttem wat owé ãa' to' xagarokõmnem to'wa wat owé ma'wût to'. Ma'pây tap pây tap i'páy nãn i'yat owé mawûya. Ma'wût i'páy nãn i'ke, ma'pây tap toro páy nãn. Mĩn ma'pây tabet to' 'ût tap to' mapára hospital to' pe'. Mây mãm 'yep aldeia pem i'kõna. Nakõm ãa' pay i'ke tomawûya kanãp ma'pây ãa' kõam. Nakõm ãa' pay yâye' ãa' at owã ãa' 'et i'ke topaba. Kayáro pem 'yep i'yat owé mawûya pát káptem. mĩn ma'pây tabet piaárattem.

### **Muita gente**

Os Arara eram o povo que tinha mais gente. A gente se chamava de ITARAP. Os brancos nos chamavam de Arara porque a gente gostava de usar urucum para nos pintar. Ficava parecendo uma arara vermelhinha.

### **Casamento e partos**

Casei com o Dutra, lá no Seringal da Penha, do Firmino. Fui para lá depois que os Gavião nos atacaram. Eu trabalhava com o Dutra na roça, na seringa e ajudava a Dona Miúda também. Tenho 4 filhas mulheres e 2 filhos homens vivos. Um filho e uma filha morreram. A filha ainda era bebê e o filho tinha uns 11 anos, primeiro pegou sarampo e depois hepatite.

O meu marido me ajudou nos meus partos. Outras mulheres de mais idade também ajudavam nos partos. Tem marido que não ajuda, mais é entre as mulheres mesmo, umas ajudam as outras.

Hoje todas as mulheres ganham bebê no hospital. Antes era na aldeia mesmo. Não morria muita criança de parto, nem mulher. Às vezes morria a criança, mas a mãe não. Era mais fácil fazer parto em casa. Hoje as mulheres Arara mais novas são mais fracas.



Nossas vidas: histórias de mulheres Karo Arara / Iba'kât kanã: ma'pâyrap at kanã xet to'

*Auzira Txmate Arara*





## *Auzira Txmate Arara*

### **Mây mām**

José Maria at owé ģa' onān Joaqina ģa' pihmām, Xagaro kōmnem wat iyōm xey ģa' to' xo', wat owā ģa', Oxirēn ģa' to'wa, wat owā ģa' 'et i'ke xo' wat iyōm xey ģa' páy ya'ti nā pakáttem ģa' 'et xo' Oxirēn ģa' kây. Ĝa' at awe ģa' to' i'ke ģa' to' nān. Kofīrem tabet ka'a'a' nā toyoba. Wat iyōm ya'ti nā Oxirēn ģa' 'et, kanāy to'wa mīn mām arakâga manā. Mây mām wa'wût 'et pa'piktem to' xeyrap ya'xirakâga, taykit mīn tokōna. Mīn 'yet i'ke yeganā ya'ti nā i'kōna. Ma'wût mām ma'pây ģa' páy takât 'yet i'ke. Kanāy 'yet arawāna.

### **Pég xawero mai'ba**

Riachuelo 'a' pe' wep pég toba yané, a'yop kanāp xû pa'pe pe'. 8 tem wat kanā xipap to' yegope. Wat iyōm tap pik 'wep okâga, naxey to' pēya xo' i'yat tap 'et, Riachuelo 'a' pa'pe pe' Mario Piloto, at fazenda mīn tokōna pég kât i'ke te'et naxey pēya xo' kanāy pég 'et tomága tokōna. Barroso kây ma'wût tap páy 'et trabalhar to'wa kōam, kanāy te'et piaárattem a'kây. At tap omēn at awe wīn. Barroso teyapít komóm xo' kōam. Pewíyuptem, át xo'. Ka'to oxagâp to' an, 'at ko'mām te'kây. Tōgoto pixiptem ka'to to'wa kán, ka'to oxey ģa' matōn to'wa ko'mām Muyik ģa' kûra 'at ma'pây ģa' pég ģa'páy pihmām. I'xak mām, te'ep te'koroba xapitua mã tema'taba. Manīk kap móm to' ta'xûra te'et, manīk kap móm takâga 'yet mây mām namón ká', xan nā ya'. Pa'piktem ixagâp to' mīn tokōna. I'kât i'ke páttem mây mām ibe'xûra komā 'yep i'kâga pég i'wīn a'pem ya'. Pég teyapít komóm xo' té, op ara kakâp xû petây, Nova Colina pírem.

Kanāy te'waye' te'koba te'kera naxo pe', xán nā tóp mām. Xák mām te'wa'ye' tena'ora Riachuelo 'a' pa'pe pe' te'et te'yoba xo', op 'ot yahmām te'et yegope'.



## *Auzira Txmate Arara*



### **Início**

Sou filha do José Maria e da Joaquina. Meu pai era casado com a minha mãe e com a Rosilene. Primeiro, minha mãe ficou muito braba. Ela não aceitava uma segunda mulher para o meu pai e ficava só brigando com a Rosilene. Elas não eram irmãs. As duas moravam na mesma casa. A Rosilene gostava do meu pai, até hoje ela está com ele. Antigamente tinha homens com mais de uma mulher; uma, duas, três. Mas agora, não. Agora a gente não quer mais isso. A gente não deixa homem ter outra mulher. A gente fica com ciúmes.

### **Contato**

Eu conheci os brancos quando viemos morar na beira do Riachuelo. Eu tinha uns 08 anos. Eu andava com meu pai e minha mãe. Muitos Arara derrubaram mata na beira do Riachuelo, hoje fazenda do Mario Piloto, para fazer roça. Nem tinha branco, depois que apareceu branco.

Alguns homens Arara trabalhavam para o Barroso. A gente tinha cisma dele. O pessoal dele tinha matado o irmão do meu finado marido. O Barroso também queria nos matar. Ele era muito malvado. Ficava falando que a gente estava roubando as coisas dele. Era tudo mentira. Falava que a gente era fofoqueiro: que falamos para a mulher dele, Dona Mujica, que ele estava mexendo com a mulher de outro homem branco.

Fugimos de lá, de noite, com um pedaço de pau com fogo. Conseguimos levar só a rede. Mas antigamente a gente só tinha a rede, o paneiro e o fogo. Hoje a gente tem muita coisa. Nossa vida era muito sofrida, porque a gente vivia correndo, correndo, porque o branco sempre queria nos atacar. Uma vez eu, minha mãe e outras mulheres fomos lá pra outro lugar, perto de Nova Colina, buscar mamão. Aí o branco atacou a gente. Corremos muito, tivemos que dormir no mato, sem fogo. No outro dia, chegamos na beira do Riachuelo, onde a gente morava. Nem comemos mamão.







## *Auzira Txmate Arara*

### **Ibeara kanā naxey pihmām**

Te'yop kokây Penha 'a' pe' kokây 'wep obeara omên ara 'at to' tóba a'ara. 5 tem te'et owéráp ma'pâyrap xagarokōmnem to'wa ma'wût to', xo' xagarokōmnem tap ya'tep tobaraíra kokây. Pagono'pâttem ma'pâyrap 'et toba'kâga kotîrem to'wa mawût. Wat owé naxey pên mîn okây. Setembro ikap naxey nēt pēya. Yaraxewak móm wiri kânã to' 'ot mekōm mām te'kap naxey pēya. 'Íttem te'et, wiri kanã takâga naxey pe'. Ma'pây ġa' peyopák ġa' kât i'ke pâttem, kanây 'yet ibixoroba xīm tóptem i'nogat tik ã 'ya nân ikap i'wirup wīa ã. Kanây wat owē pūya owe'ûy pūya 'wa. Kanây wat ip 'ûp o'a 'wa kōam. Kanây 'wet wat aposentadoria kâga 'õn wat wiri kanã an nât 'wa. Pâttem 'yet mîn i'kâga. Kanây péġ 'et mây mām i'wīn iga. Péġ i'wīn yat yâ mîn ã yet i'ke ixahmây nã.

### **Casamento, viuvez e roça**

Quando eu estava lá na Penha, no seringal do Firmino, me casei com o finado. Tivemos 5 filhas mulheres e 2 filhos homens. Dois morreram quando eram pequenos, de diarreia. Agora tenho 4 filhas mulheres e 1 filho homem.

Agora que estou viúva quem faz roça para mim é meu filho. Em setembro ele vai fazer de novo. O cateto está comendo tudo, mas vamos fazer roça assim mesmo. Sempre tenho um pouquinho de roça. A mulher que é viúva sofre mais porque ela não tem carne para comer, não tem quem vai caçar para ela. Fico dependendo do filho e do genro. Tenho que ir pescar também. Mas tenho a minha aposentadoria. Dá para comprar a comida.

Aqui a terra não é muito boa, o cará não nasce direito. Quero que minhas filhas e meu filho tenham sempre muita roça para suas famílias, para ter sempre o que comer. Não dá pra viver sem roça, tem que ter comida para dar aos filhos.

Hoje estamos vivendo bem. Ninguém tá fazendo mal para a gente. Antigamente, o branco era muito malvado com a gente. Hoje não sei se o branco ainda é malvado com a gente.



*Papi Arara*







## Mây mãm

Itapirema ká' pe' 'wep owûya, kanãy komã te'ep Urupá 'a' kây tena'wara. Kotírem Urupá 'a' kóa, yeganã pe' 'wet obeara Xowëw ara. O'íra kokây te'ep te'yoba yét seringal pe', Urupá 'a' pe', Urira 'a' xú nãn yeganãpe', péğ te yapít yat yâye' te'wa'ye' te'xira'kâga kanã ay. Penha 'a' kây tena'wara. Ma'pây tap kûn iga yét ma'wût 'et xo', ma'pâyrap mën pát tap mãm to' kûra 'at, tap mën tóp tap to'wa, kōam. 'At ma'pây tap kûra tap nõ ya'tey seringal pem kanã wák pe'. Itapirema ká' pe' Xowëw at owã ġa' 'ep topaba. Makóp pëya ma'wût tap 'et yét seringal pe'. Naxey to' tã ma'pâyram 'et tokōna, feijão ma' tã nãya tã to'wa. Mawût tap tóp kanãp ma'pây tabet trabalhar to'wa. Te'koro komã te'ep yeganã mapârâba, péğ karo yapít yat topâ ye' Firmino 'et te'et kây. Santa Maria ká' kây te'wa'ye' tena'wa, kanãy Penha 'a' kây te'a Firmino pe pap móro to'wa te'kây, te'et xú a'nãn xo' kanãy a'wa'ye' tobapa.

Pa'piktem i'yat agóa'pât pa'kâp xo', Agabenõ, Yanet ġa' at iyõm Luiza iyõm, Luiza... Pedro te'et agóa'pât nãn xo' Catanheda ġa'at iyõm nã Gavião ġa' tâ' Joãozinho 'úp pap xey ġa. Xagarokõmnem Pedro xey ġa' to' xo', Catanheda ġa' Izabel ġa' to'wa. Mây mãm ma'wût tabet tennem to xeyrap ya'xi takâga, ġa'at awe ġa' takâga kanãy to mâk yoba kofírem ka'a'a' nã. Nãn, nã ahyâ ma'wût kofírem to xey ġa' takâga mĩn ã 'wet i'ke oxahmây nã.

Mĩn pát ma'pâyrap 'et i'ke ã to'wa to mën xey ġa' páy ya'ti nã tap to mën wĩn tik menâ, át to xey tap ya'xi takât kanãp pa'piktem.

## I'wirop 'ot kanãp ibanaoba

I'tã na'mëk kap xa'yõk 'ot i'ke mây mãm. Na'mëk kap xa'yoro i'yat na'mëk kap nãn xo' tokōna, pe'tik páttem mây mãm, iwa, nãya to'wa, iwa ma'iba ma'pe ka' pe' i'tã kap 'ot 'nãt xĩm mõy xit nã to'wa. xáw kât i'ke xo', xĩm xárağ yet. Nãya kap xû to'ûra te'et xúrem, xiri mabexéba te'a, kōam.



## *Papi Arara*



### **Começo**

Cresci no Itapirema e depois fomos para o Urupá. Era tudo de um dono só. Me casei com o Procópio, no Urupá. Quando eu era pequena fomos morar nesse seringal, no Urupá; o gerente era o Urira. Voltamos de lá porque o homem queria nos matar. Fomos pra Penha. Esse homem era pra frente, enxerido com as mulheres Arara. Pegava mulher casada e solteira. As mulheres que ele pegou já morreram, umas lá no seringal mesmo, de doença. A mãe do Procópio morreu no Itapirema.

Nesse seringal, os homens cortavam caucho. As mulheres trabalhavam na roça plantando feijão, milho. Elas tinham que trabalhar separadas dos homens.

Sáimos fugidas de lá. Firmino nos avisou que os homens de lá queriam matar os homens Arara pra ficar com suas mulheres. Fomos para Santa Maria, depois para Penha. Firmino nos chamou pra morar lá, ele era nosso patrão. Depois Firmino morreu.

O Procópio morava com minha mãe Antônia. Aí ela se separou dele e se casou com o Manoelzinho. Aí eu me casei com o Procópio. Tive cinco filhas mulheres e quatro homens. Só um morreu.

A gente tinha muito pajé. Tinha o Agamenon, o pai de Janete, o pai da Luiza. Nosso pajé era o Pedro, antigo marido da Catanheda (Gavião). Hoje ela é a mulher do Joãozinho. Pedro tinha duas mulheres, a Catanheda e a Isabel Arara. Naquele tempo alguns homens se casavam com mais de uma mulher. Às vezes eram irmãs e moravam todos na mesma casa. Não sei por que os homens não têm mais de uma mulher agora. Mas também hoje as mulheres não aceitam mais isso. Acho que elas iam bater nos homens, se eles tivessem mais de uma mulher.

### **Comer e dançar**

Antigamente a gente não bebia macaloba azeda. Nossa macaloba era ralada. Tinha muita batata, banana, milho. Colocava banana na cesta para todos comerem com carne pisada. Ainda não tinha sal, a carne era moqueada. A gente fazia muita macaloba de milho mole ralado. Tinha muita





## *Papi Arara*

Ibenaop to ya' 'yet i'noga wiri kanã to' 'oa i'ket to ten nã. Nãya kãri nãn yãye' te'et tena'wa. Ibenaoy nãt 'yet i'mãk tamora. Kanãy 'yet iya'wara i'paga i'yat tap mãm to' kãy. Ite Nut at iyõm, Xowẽw at iyõm, Maria ga' at iyõmwap tap trabalhar to'wa seringal pe'. Pãt káptem mĩn, pãttem mãy mãm kõam.

### **I' yat naxo ara**

Poto wey pe' te'yop péğ 'et tona'mãya i'yat naxo pe' kope'. Invasão pãttem mêt mãy mãm 12 tem te'et péğ kũra naxo ma invadi nãn kanãp, Lourdes 'a' kãy te'ep amana'wara Gavião tap kãy. Trabalhar karo'wa ã Gavião tap 'et a'kãy farinha to' mawãra ã to'wa. Manĩ tã, iwa tã to'wa. wiri kanã xet pe móm kõam 'ap kanã pa'kũga. Tap a'pãy nãn i'ke kõam, amana'wa ã Apoena wa'ye', kanãy a'wa'ye' tona'wara toat kanã mãm kãy. Tebiaáran i'ke a'kãy át tokõna tobiaárara te'kãy. Kanãy a'wa'ye' to nêt na'mãya Ikolém 'erem.

pamonha também. A gente também dançava muito. Passava dois, três dias comendo e dançando. Quando acabava o milho, a gente ia embora. Nesse tempo de festas, os Arara ainda estavam todos juntos. Depois se separaram por grupos. Tinha o grupo do Dutra, do pai do Procópio, do pai do Cícero. Cada grupo foi trabalhar num seringal. Hoje é bom, mas antigamente também era bom.

### **Invasão**

No tempo da invasão de nossas terras, a gente morava na colocação Porto Velho. Por aqui tinha muita invasão. Os lotes eram todos cortados. Nós prendemos 12 homens que estavam invadindo nossas terras. Mandamos eles a pé lá para os Gavião, no Lourdes. Eles tinham que trabalhar para os Gavião, torrando farinha, plantando mandioca e banana. Trabalhavam só pela boia. Mas não foram judiados. Depois Apoena mandou soltá-los. Saíram de lá de avião direto pro lugar deles. Nós não ficamos com medo deles, eles é que ficaram com medo de nós. Depois outros homens invadiram nossas terras entrando lá pelo rumo do Ikolén.



*Tereza Xĩn Arara*







*Tereza Xĩn Arara*

### **Mây mãm**

Tereza Xĩn Arara onãn Joana ġa' at owé ġa', Cícero pihmãm pagon to' páttem wat owé tap, ma'wût tap, pagon tópttem to'wa ma'pâyrap, to' páy paba wat owé to péw wûya. Op yú takâga 'wet. Mã ahyâ owûyap ã 'wet i'ke o xahmây nã, teba'kâga kanã môm kây 'wep yá' wa o'it kokây, yãg, yãg komã te'ep teba'kâga, 'õn obakât kanã ya'ti nãn i'ke kanã pi'ti xit tapĩg komã 'yet inaká pe'. Manĩk kap namón ká' 'yet, kanã xit tapĩga. Ibixori i'ke xo'. 'Õn péğ toy oxahmây nã yegope FUNAI, at tap kán. 'Õn i'târap mâk toy i'ke oxahmây nã, pa'piktem tabet toyoba toxabéya to' nã. Agóa'pât wat iyõm nãn, mây mãm 'ap, toat tap to' maxéroba sarampo páttem yegope, péğ kanã tatia i'top kanãy mãm (ixawero ma'i kanãp). 'Õn sarampo na xo' kõam, kanãy 'wet oxéroba.

### **I'yop kanã**

Opyú oya'ti nãn kanãp 'wep, Op yú ara, 'õn kõam Opyú ya'ti nãn. Op yú at iyõm tabat ka'a'a' pe' 'wep oyã obeara kanãy mãm, i'yat komâk mekõm mây mãm, mekõm mĩn kõam. Ma'pây wûy tin i'ke toat owã tabat ka'a'a' mapârâba to mën at kanã to' yã.

### **Naxey**

Kanãy i'mën at owã ġa' 'et to' be'ûy ġa' toba, ġa' wira to'wa kõam, toat owé ġa' toyrem. Kanãy 'yet kõam i'yat sogra ġa' páy nã wiri kanã, ara naxey kây 'ya, kanãy 'yet i'yat naxey kât kanã ya'ti nã kõam. Wat owé ġa' to' kât yã xagaro kõmnem ye' 'wet wat ka'a'a' pem oyã. Té, te'et naxey mãm takât comunidade, tap pihmãm to'wa kõam. Naxey tóp mãm 'yet i'ke na'mêk kap 'oa, kanãp 'yep, mâk mãm naxey to' tawára.



## *Tereza Xĩn Arara*



### **Onde nasci**

Sou Tereza Xĩn Arara, filha da Joana e do Cícero Arara. Tenho 4 filhos e 3 filhas, uma delas nasceu morta. Sou casada com Aguinaldo Arara.

Não sei onde nasci. Me lembro que quando era pequena a gente andava muito, sempre mudava de aldeia. Eu não gostava, porque a gente carregava muito peso na cabeça. Carregava rede, panela. Era tempo de muita fartura. Naquele tempo eu já conhecia o branco que era o pessoal da FUNAI. Eu não conhecia muitos Arara. O pessoal morava em muitas aldeias.

Meu pai já era pajé. Ele tratava muita gente. Naquele tempo tinha muito sarampo, que veio com o contato com os brancos. Eu peguei sarampo, mas escapei.

### **Moradia**

Eu me casei com o Aguinaldo porque ele gostava de mim e eu dele. Quando me casei fui morar na casa da família dele. Esse era o costume, hoje ainda é assim. Às vezes a mulher não gosta de sair da casa da sua mãe para morar numa outra aldeia, na família do marido. Geralmente a sogra trata a nora como uma filha. E a nora precisa ajudar a sogra na cozinha e na roça. Ela precisa ter a sua roça também. Quando eu já tinha duas filhas fui morar na minha própria casa.

### **Roça**

Continuo tendo minha roça. Às vezes participo da roça comunitária. Todos precisam ter roça. Sem roça ninguém toma macaloba. Meu marido e meus filhos fazem a primeira roçada, depois a derrubada e a queimada. O homem, a mulher, os filhos e as filhas fazem o plantio. Plantam





*Tereza Xĩn Arara*

Omẽn naxey pẽn wat owé tap pihmãm, a' óra, kanãy ayakára, amapâga to'wa. Ma'wût, ma'pây gã' owé tap to'wa naxey tã. Manĩ tã, ya'mo tã, nãya tã, pe'tik tã, iwa tã to'wa. Móro měk 'yet ma'pâyrap páy xeyega i'yat wiri kanã ara kanãp, kanãy murug ma'pâyrap 'et tin namón kap ta'a. Mekôm 'yet māk mãm. Ma'pây kayáro toy, xat ara ma'wût 'et tokõna, kanãy ma'pây gã' 'et kanã pa'kûga.

### **Owé**

Wat owé tap to' xahmãy nã kanã ya'ti nã 'wet, okôm, wiri kanã tûra, naxey kãy to'a, ip kap tĩga, makãri mĩrik kap to'wa. Xagarokõmnem wat owé gã' to' ensino médio tĩga, tap faculdade tĩg kanã ya'ti nã 'wet toro maxahmãy nã, kanãy to'wa trabalhar to'wa, mêt mãm i'yattap kãy. Kanãy 'wet tap páy nã tap 'ût tap to' toba, wen, wen karo'wa yek wa. Te'māk tap 'ût tap toy wen, wen karo'wa yek te'a.

mandioca, cará, milho, batata, banana. Quando está na hora de colher algum alimento, a mulher convida outras mulheres para ir no seu roçado; cada uma pega um paneiro de alimento. Todas fazem isso.

A mulher é quem cuida da casa. O homem só ajuda a buscar lenha, o resto é com a mulher.

### **Filhas**

Quero que minhas filhas aprendam a fazer o que eu sei fazer: cozinhar, ir pra roça, fazer pulseira, colar, brinco. Agora duas já estão no ensino médio. Espero que elas façam faculdade para aprender mais e depois trabalhar na nossa comunidade. Eu ajudo elas a cuidar dos filhos delas enquanto estudam. Todos nós da família ajudamos as duas a cuidar dos filhos para que elas possam continuar estudando.



*Maria Tereza Arara*







*Maria Tereza Arara*

### **Wat tap**

Papi ġa' at owé ġa' onãn Xowew pihmãm Pehnin xû pe' 'wep owûya, Serra Grande pe' Igarapé Lourdes kây, tap pég toy mây mãm. Pehnin xû pe' 'wep owây nã, kanã pe' wat owã ġa' 'ep toyã xo' wat apây ġa' pik. Wat apây ġa' pik 'wep okâga ġa', ya'ti nã kanãp. 'Õn okâga manêrem wat awe tap ay, wat apây ġa' pik. I'yat apây ġa' i'toy kopáttem. Wat owã ġa' oan yâye' 'wet obara'kâga kanãkam. Miúda ġa' at seringal pe' Firmino pepap at seringal pe' wat apây ġa' 'ep toyã, tokõna Penha 'a' pe'. Pég wat toto Manoel nãn, kanãy 'at trabalhar to'wa xo' seringal pe'. Wat apây at awa, wat apây ġa' ma'ât wat toto kây Manoelzinho kây.

Wat apây ġa' 'ût tap pa'kât ġa' mën yané' mamât pát tap Papi ġa' at iyõm wĩa Gavião tabet. Kanãy apây ġa' 'et Xowew takâga, kanãy tawa'ye' toro má'. Ġa' 'ût kât xo' abihmãm, kanãy 'at topaba. Obean yâ Manoelzinho ara ye' ġa' wa'ye' toya'wara toat owé ġa' yoara xowew pik kanãy wat owã ġa' wa'ye' tobeara Xowew ara. ã apây ġa' 'et i'ke xo' wat toto pik tokâga, kanãy ġa' wa'ye' toxamâga.

To' 'ût ġa' kâga ġa' wa'ye' pagon tóptem ġa' at owé tap xibewap wat toto at tap. I'yat tap páy kõam trabalhar to'wa Firmino kây Miúda ġa' pihmãm. I'yat tap xira'kât yâye' Firmino pepap wa'ye' to ya'wara Miúda ġa' pihmãm naxo to' ma demarcar nã kope'. Kanãy te'wa'ye' te'xíra'kâga kõam. Alquedeia xû pírem 'wep oyã. Pa'piktem ta yop xo' kanãpe'. Wat owã ġa' pik wep oyã. Wat apây ġa' yãn i'ke kanãpe'.

### **Ibeara kanã**

Owây nãn yâye' owa'ye' Naúrúp toba, kanãy 'at oya'ti nã, 'õn kõam aya'ti nãn. Aldeia central pe' te'ep terobeara. Agó'a'pát Xia Mot teromabean, páttem karo'ware, karo ya'xi takâga 'at Naúrúp



## *Maria Tereza Arara*



### **Família**

Sou filha da Papi e do Procópio. Nasci no Perdido, na Serra Grande, pra lá do igarapé Lourdes. Já tinha ocorrido o contato com os brancos. Me criei no Perdido. Minha mãe e minha avó moravam lá. Morei com minha avó porque gostava muito dela. Entre os irmãos fui eu que fiquei mais com minha avó. A avó cuida mais da gente. Minha mãe vinha me buscar, mas eu sempre voltava de novo. A minha avó morava no seringal da Dona Miúda e do seu Firmino, na Penha. Meu avô Manuel era branco e trabalhava no seringal.

O irmão de minha avó, Napok, deu minha avó para o Manoelzinho. No início, minha avó não queria ficar com Manoelzinho, mas depois ela se acostumou. Ela teve uma filha e uns três abortos com Manoelzinho. Minha avó já tinha filhos com o primeiro marido dela, o pai da Papi. Ele foi morto pelos Gavião. A avó depois casou com o Procópio, mas não deu certo. A avó teve um filho com Procópio, mas ele faleceu. Ela foi embora depois do casamento com Manoelzinho e deixou a filha Papi com Procópio. Mais tarde Papi, minha mãe, casou com Procópio.

Outros Arara também trabalharam para Seu Firmino e Dona Miúda. Quando os Arara voltaram para cá, e Dona Miúda e Seu Firmino tiveram que deixar a área por conta da demarcação, nós também voltamos pra cá. Eu morava perto do Alquideia. Lá tinha muita gente. Estava lá com a minha mãe. A minha avó não estava lá.

### **Casamento**

Quando eu já era moça eu reencontrei o Noep. Os pais do meu marido faleceram quando ele era pequeno. Não tinha ninguém para cuidar dele. As irmãs dele, que também eram pequenas, lhe deram para o seringalista Barroso. Ele cortou seringa também para outros brancos. Hoje ele não fala





*Maria Tereza Arara*

kây okây to'wa kōam tero mabiara. Kanāy a'wa'ye' yetin xán nã yaûya kokōm te'ay kurut to'wa. Seis tem wat owé tap to, māk 'ú nã to páy xibewaba 'at kofirem. Wat apây gã' o'út tap mapây omēn pihmām o páy nã. Omēn at iyōmnap ya'tey mây mām a'ít 'úp yoara. Inō ká' kât i'ke a'toy nāt to'wa mây mām. At anãn tap para'ít tap kōam toba'kâra seringalista Barroso pik. Xi'tik pēya 'at kōam péğ páy pik. Mīn 'at i'ke tobetōa i'wero mǎ' tobetōa, kanāy 'at i'wero toba tokōna. O'ít kokây 'at to mága yané Xikit pik. Abara'kât yâ kanākam ye' te'wa'ye' terobeara.

### **I'yat naxo ara**

Péğ te'et naxo ma invadi nãn yegope' mēt iterap pe' aldeia central pírem, Gavião, tap Zoró tap FUNAI pát péğ, kanāy policia to'wa te'et aldeia ma cuidar nãn péğ na'mây a'pem to'wa. Tap piaáran xo' péğ to' piwiura kanāp. Kanāy 'at i'ke te'nō wīa tokōna. Kanāy FUNAI wa'ye' Ikólóéhj karo yoba to'wa karo tap kây kanã toba ye' to'wa xo' te'kây. Fácil kaptem xo' yet i'a Ji-Paraná kây kōam, kanāy te'wa'ye' te'yoba linha 86 pe', pagon tóptem (3) xo' wat owé to' xo' yegope'. Kanã ay péğ wa'ye' tema kori iga xo' ma'pâyrap kûra te'kay to'wa xo'. Kanāp te'ep te'xira'kâga Iterap kây, mēt te'yoba tenã.

### **Naxey xú'**

Mây mām i'yat tabet xo' xúrem naxey pēya tomāk kây. Kanã on yâye' tawa'ye' xo' toat wiri kanã ara, manī, nãya, iwa, to'wa yét naxey pe'. Yeganã ya'ti nã topâ' 'yet to'wa kanã ara. Ma'wût tap kōam naxey to' pēn Pa'piktem naxey to' xo' i'mâk kây. Na'mēk kap to' 'ûra ma'pâyrap 'et tabet



## *Maria Tereza Arara*



mais a nossa língua, mas entende tudo. Eu ainda era pequena quando ele apareceu pela primeira vez na Penha com o Chiquito. Depois ele voltou de novo e nos casamos.

Ele gostou de mim e eu gostei dele. Nos casamos na Aldeia Central. O pajé Cícero fez nosso casamento. Ele deu conselhos para eu viver bem com meu marido e ele viver bem comigo. No casamento ele fez um gesto como se tivesse tirado uma foto de nós. Eu tenho seis filhos adultos: um homem e cinco mulheres. Tive um aborto. A minha avó fez meus partos, com ajuda do meu marido.

### **Invasão**

Os brancos estavam invadindo nossa terra aqui no Iterap até perto da Aldeia Central. Junto com os Gavião, os Zoró e o pessoal da FUNAI e da polícia federal, os homens expulsaram os agricultores brancos. As mulheres ficaram na aldeia, cuidando da aldeia. Elas ficaram com medo porque os brancos estavam muito brabos, mas não aconteceu nenhuma morte.

Depois da expulsão dos invasores, a FUNAI disse para os Arara morarem no Ikolén, pra gente cuidar daquela área e porque o acesso a Ji-Paraná era mais fácil de lá. Mas no Ikolén não deu certo porque os invasores queriam nos atacar. Nós fomos morar na Linha 86 e eu estava com 3 filhas. De lá, os brancos queriam nos expulsar. Eles disseram que iam atacar as mulheres Arara. Por isso nós voltamos para o Iterap. Agora paramos aqui.

### **Roça**

Antigamente o pessoal fazia roça grande. Quando o que foi plantado estava bom, cada família buscava uma quantia de mandioca, milho, banana. Na roça comunitária cada uma buscava o que precisava e não mais. Os homens também trabalhavam na roça. Tinha vários lugares de roça comunitária.







## *Maria Tereza Arara*

xo', kanāy to'wa móro to'wa toat ta xeyega kap to' 'oa ã to'wa. mekōm 'yet i'ke mīn i'kōna. Na'mēk kap 'oa tabet i'ke tēna. I'tá i'yat ta xeyegat nāt 'yet xúrem na'mēk kap to' 'ûra. Pa'piktem aget tap mīn toroxahmây nân yahmām. Nakōmnap pa'pigat i'ke mây mām. Té péğ toy ye', Gavião tap pihmām te'et tawa'ye' 8 tem toat família 'ûp'et tobeyoara xo'. Mīn 'yet ibewaba kanākam.

### **Na'na kanã**

Na'na kanã to' pâttem mây mām, nāya kût xû 'oa, iwa xû to' 'oa, na'mēk kap manī kap 'oa to'wa. Na'mēk kap kóa móro mēk to'wa. Kanāy tabet na'na kanã xet ta'a toro oga, toro peya to'wa. Tobenaoba tabet tin to óra toya na'na kanã xet ta'a. 'Itá na'mēk kap xa'yōk 'ot i'ke xo' yegope' na'mēk kap pe' i'ke 'yep ibenaoba. Gavião tap na'mēk kap xa'yōk mán te'kây. Ibakára komã 'yep na'mēk kap xa'yōk 'ot kanãp. Na'na kanã kãri nân. Na'na kanã tīga 'nāt to'wa nāya tã xúrem, manī to'wa.

As mulheres faziam muita macaloba e convidavam todos para tomar. Hoje em dia não é mais assim. O pessoal nem convida mais para tomar macaloba. Para convidar outros se precisa de muita macaloba. Também hoje tem muita meninada, não sobra nada. Antigamente tinha poucas crianças. Depois do contato com os brancos e com os Gavião só sobraram oito famílias. Agora está aumentando.

### **Festa**

Antigamente tinha muita festa. Tinha festa do milho verde, da banana, de macaloba, de macaxeira. O dono da chicha convidava para a festa. Os convidados iam para a festa pintados de urucum e enfeitados. Iam dançando e cantando e eram recebidos também com festa. Nesta época não tinha macaloba azeda. Não precisamos disso para dançar. Conhecemos a macaloba azeda com os Gavião. A macaloba azeda dá brigas na família. As festas acabaram. Precisa de muito milho ou mandioca para isso e muita preparação.



*Joana Arara*





*Joana Arara*

## **Mây mãm**

Riachuelo 'a' pe' 'wep owûya, mĩn Mario Piloto at fazenda tú. Xiwakĩna ģa' at owé ģa' onãn, José Maria to'wa wat iyõm xet, peattem, 'õn Cícero Xia Mot pihmãm, agóa'pât, omẽn nãn o'ít kokây te'et tena'wara Riachuelo 'a' mapârâba. Kanãy te'a te'yoba Urupá 'a' pe'. Kanãy te'wa'ye' péğ kây trabalhar te'a Urira to'wa yét péğ xet, seringal pe' 'ap gerente nã, seringal móm xo' Ji-Paraná nãn yegope' kõam, naxo móm xo' péğ pa'kât i'ke xo' pa'piktem. I'târap móm xo' toromoba mêt. Urupá 'a' pe' wat awa Nut (Dutra) yãm, Firmino, Yari, ģa' Xowew, Papi ģa', Péorop, Payit (yõpew), Cheba ģa', Manoel Capiviri, Antonio Janete ģa', Manóra to'wa trabalhar to'wa Urira kây. Wiri kanã xet pemóm mok pe'a' to'wa. Tokorop komã i'târap yat, át i'yat ma'pâyrap kun yat yâ tobagon tap pihmã ye' to'wa. Karo móm mâ, trabalhar karo'wa ã 'at kotoxet to'wa ma'pây tap móm mayoba, kóamnem kanãy to'wa, ma'wût tap mayoba kóamnem kõam. Xat yo'kây téra ma'pây tabet, nãya tã, feijão mã tã' to'wa.

Ma'pâyrap móm yét serviço fĩgan kayaro pe' nakõmnap 'et toxit toya tokõna. Ma'pâyrap tóp kanãp, ma'wût tabet naxey to' ma'taba tokõna. I'yat tabet i'ke, trabalhar kanã ya'ti nã, kóamnem. I'tã ma'pâyrap kũn nãt to'wa péğ 'et ma'pây tap mayoba kóamnem. Kanãy Urira wa'ye' néi xũ (leite) ma'ã okây owét a'pem to'wa, kanãy a'wa'ye' wat owã ģa' kũga. Karo tap yegomât kanã ya'ti nãn i'ke tawa'ye' tokoroba. Ma'wût tap yapít iga péğ 'et yegope, i'tã ma'pây tap ya'xi takât 'nãt to'wa ye', a'nõ 'et ma'wût tap matõa. Kanãpe' te'ep te'koroba i'xak mãm te'a texagâp to' yoara. Te'et mok pero móm ta'xũra te'et manĩk kap, tak ma' te'a. Awây 'a' mãm pa'pe' tabakaba te'et te' piro mã' penha 'a' xet tatia.

## **Pa'piktem i'târap**

Riachuelo 'a' pe' tap páy yop tokõna. Kanã pe' xo' marók ká' xú ká' yap Xia Mot yã kanã pe', Irineu at iyõm, Oyiw ģa' at iyõm to'wa. Xúrem marók ká' xo' mē pũ' ay, mēğũy apũay to'wa



## *Joana Arara*



### **Início**

Eu nasci no Riachuelo, hoje fazenda do Mario Piloto. Eu sou filha de Joaquina e José Maria e casada com o Pajé Cicero Arara. Quando eu era pequena saímos do Riachuelo e fomos morar no Urupá. Fomos trabalhar para o branco chamado Urira, no seringal onde ele era gerente. Naquele tempo, Ji-Paraná também era seringal, era só mato e lá não tinha muito branco. Pra cá só tinha índio. No Urupá também estavam o irmão do Dutra, Firmino, Yari, Procópio, Papí, Peoro, Benedito, Cheba, Manuel Capiviri, Antonio, Janete, Manoro. Os Arara trabalhavam para Urira em troca de comida e roupa.

Os Arara fugiram desse local porque ele e outros homens queriam pegar as mulheres Arara e elas não queriam isso. Urira mandava as mulheres Arara trabalharem sozinhas e os homens num outro canto também sozinhos. As mulheres juntavam carvão, colhiam milho, feijão. Só as mulheres faziam esse serviço, as crianças ficavam em casa. Os homens trabalhavam separados das mulheres, limpando roça. Os Arara não gostavam de trabalhar separados. Os brancos faziam essa separação para pegar as mulheres. Urira dava leite para eu não chorar; enquanto isso ele pegava minha mãe na marra.

Os Arara não gostavam disso e por isso fugiram. Um branco falou para os homens Arara que alguns brancos pretendiam matar os homens Arara para ficar com suas mulheres. Por isso nós fugimos de noite deixando todas as nossas coisas para trás. Só levamos a roupa do corpo, rede e espingarda. Descemos pelo mato, na beira do rio Machado a pé e chegamos no seringal Penha.

### **Muitos grupos**

Um outro grupo de Arara estava no Riachuelo. Lá tinha uma maloca grande, onde estava o Cícero, o pai do Irineu e o pai da Rosilda. A maloca grande ficava do lado de cá do rio e o seringal do Barroso do lado de lá. Os Arara trabalhavam no seringal e para si mesmos. E tinha um outro grupo de Arara morando na Penha.





*Joana Arara*

Barroso at seringal to' mām kây karo tabep xi'tik pĕya yet. Penha 'a' pe' tap páy 'et kōam toyoba. Urupá 'a' pāt tap pik 'wep kâga Penha 'a' kây te'wa'ye te'koroba Nut 'et toyā kanāpe' Firmino pik. Kanā ay te'wa'ye' tero paga Na'yō 'a' xú 'a' kây, xīm pāttem yeganā pe'. Penha 'a' kây, Riachuelo 'a' pāt tawa'ye' tona'wa kōam. Ma'pây ġa' nā 'wet xú' wa, owây nā yegope'. Na'yō 'a' xú 'a' pe' 'wep owây nā manĕ wa'. Wat apây ġa' ya'ti nā 'wet xo' kanāp 'wep okâga ġa' pik. I'pĕ pakāt komā 'yep mām mām ixabéya to' ma ten nā'. Kanāy te'wa'ye' Xú xú xú kây tena'wara, Aldeia Central kây, kanāy te'a mĕt Iterap pe' tena'tia. Itá ixabéya toy ye' 'yet i'yat wiri kanā tā nāya tā, manĭ tā, op tā, pe'tik tā, ya'mo tā, iwa' tā ya'. Kanā tăn yâye' 'yet ixabéya páy kây iya'wara. Kanāy 'yet ibara'kây kanāy ara i'tá kanā tăn 'nāt ixabéya páy pe' ya'. Ibixoyan i'ke mây mām, xīm pāttem ip to'wa, i'tá ahoy (arroz) ma' toy 'ike xo' ixahmây nā feijão ma' ya'.

### **Xarãp (sarampo)**

Pa'piktem i'yat tabet to ya'teba xarãp (sarampo) pe', ixahmây kây i'ke xarãp (sarampo) maxéroba. Kĕyrem ġa' 'et xarãp (sarampo) ara ġa' 'et top aba. Kanā wero waw i'ke xarãp (sarampo) nân. Pa'piktem tabet to ya'teba kanāy tabet tap páy mām to' pák tap to' tā. Marók ká' mām pírem tabep toro pe' tā'. Omĕn tap, to' tăn tap páy pay nā. Xarãp (sarampo) tóp kokây te'ep xo' pa'piktem, tât Nova Colina pe'.

### **Cícero**

Penha 'a' pe' 'wep Xia Mot toba oxahmây nân i'ke 'ōn ara kân yat yâhã wa. Ma'pâyrap pa'kât i'ke mây mām aget tap pâ'kât i'ke kōam. Wat anāt ġa' takâga wat awa wa'ye' a'kây, kanāy a'wa'ye' ā to'wa. Kanāy wet kōam ā wa. Xia Mot 'at yâ xi'tik pĕya ye' 'wet abipe' ta'a. Emĕn pipe tapĭġa wat owā ġa' 'et wat awa pihmām owero toba. Paġontóptem wat owĕrap ma'pâyrap, paġontóptem to'wa





## *Joana Arara*



O grupo a que eu pertencia, quando fugiu do Urupá, foi para a Penha onde estava o grupo do Dutra e do Firmino. De lá fomos para diferentes lugares, principalmente pro Barreirão. Lá tinha muita caça pra comer. O grupo que estava no Riachuelo também foi para a Penha. Nesse tempo eu já era moça. Me criei mais no Barreirão. Eu morava com a minha avó porque eu gostava muito dela. Antigamente os Arara andavam muito de um lugar para outro. Depois fomos para Alquideia, Aldeia Central e, por fim, Iterap.

Sempre quando a gente estava num lugar, plantava milho, mandioca, mamão, batata, cará, banana. A gente plantava e depois acabava indo para outro lugar. Mais tarde voltava para buscar sementes para plantar no novo lugar. Naquele tempo não tinha fome. Tinha muita caça e peixe. A gente não conhecia arroz. Conhecemos arroz e feijão no seringal.

### **Sarampo**

Naquele tempo muitos Arara morreram de sarampo. Não tinha ninguém que tratava o sarampo. Quase sempre, quem pegava sarampo, morria rápido. Sarampo não era brincadeira, não. De repente morria. Morria tanta gente, que às vezes tinha que enterrar mais de uma pessoa numa mesma cova; enterravam perto da maloca. Cícero ajudou a enterrar muita gente. Antes de chegar o sarampo, quando a gente morava no lugar que hoje é *Nova Colina*, tinha muito Arara. Depois ficou bem pouquinho. Depois do sarampo ainda fomos atacados pelos Gavião.

### **Cícero**

Lá na Penha conheci o Cícero. Nem sabia que ia casar com ele. Não tinha muitas moças e nem muitos rapazes. Aí um dia meu irmão Benedito pediu para Cícero se casar comigo. E ele aceitou. Eu também gostei da ideia. Quando Cícero ia para o mato caçar ou cortar seringa, eu ia com ele. Benedito e minha mãe me aconselhavam a acompanhá-lo para eu ir me acostumando com ele.





*Joana Arara*

ma'wût tap kōam. Wat owã ġa' opáy nãn o'ût tap mapâra omẽn pihmãm. Xagarokōmnem wat owé ġa' to' pap kotĩrem to'wa ma'wût. Sarampo ara kanãp tabep toya'teba epatite pihmãm to'wa kōam. Tap pârâp to' maxéroba Ji-Paraná pe' kanãy tabet toya'teba. Sarampo pe' ma'wût 'ep topaba, pağon tóptem at kanã xipap to'xo'. Iterap pe' teyop yegope'. Agó'a'pât omẽn nãn obeara kope'. Agó'a'pât wat iyõm nãn kōam. Kanãy wet kōam agó'a'pât xey noa a'páy át tap to' maxép kanãp kõm ahyâ karo'wet kût nãp ahyâ wáktem wa tawák tap kây. Kanãy wet kōam wat owērap wero toba wat toto tawero toba imĩt to' ti a'pem tap kây wa. I'yoy yâ ixabéya pemóm ye' yet imakõn nãnnem. Kanãy to'wa nakõmnap wen, wen wen to'wa toxabéya pemóm. Ibenaop to' ya komã yep mây mãm i'yãn komã i'yet i'ke mĩn.

Tenho três filhos homens e três filhas mulheres com ele. A minha mãe fez os meus partos e Cícero me ajudou. Duas filhas e um filho morreram. As duas filhas, uma já moça, morreram no mesmo dia. Tiveram sarampo e depois hepatite. Chegaram a se tratar em Ji-Paraná. Mesmo assim morreram. O menino de três anos morreu de sarampo. Nesse tempo eu já morava no Iterap.

Quando me casei com Cícero ele já era pajé. Meu pai também era pajé. Como mulher de pajé, ajudo muito na cura e na reza, fazendo perguntas para o doente: como ele está, onde dói, o que está sentindo. Também dou muitos conselhos para os meus filhos e netos para os espíritos maus ficarem longe.

### **Antigamente e hoje**

Depois que paramos de mudar de um lugar para outro, tudo ficou mais triste. Agora, por causa dos estudos das crianças, precisamos ficar em um lugar. Naquele tempo tinha muita festa, muita macaloba. Agora a gente fica muito parado. E isso é triste.



*Janete I'gûp Pá' Arara*





## *Janete I'gúp Pá' Arara*

### **Iyõm tóp, owã ģa' tóp**

O'ira kokây wat owã ģa' 'et to' paba, 6 tem wat kanã xipap to' yegope'. Agó'a'pât wat owã ģa' wĩn pi pe' pĩk at agó'a'pât. Kanãy wat iyõm 'et kōam to' paba. Iyõm tóp, owã ģa' tóp, te'wa'ye' wat awa pihmãm, nēt káptem át oay. Mōnnap at ka'a' to' 'erem te'et teba'kâga. Kanãy péġ wa'ye' wat awa ta'wara a'pap mawây nã. To ya'wara wat awa 'et korem, mĩn mãm to' bara'kât kanã ya'ti nãn yahmãm te' pik to yã. Át kanã pây ma' yá nãn kanã, ya'ti nãn Gavião tabet te'kây kán kanã ya'ti nãn yahmãm.

### **Iromawãga**

Te'et aldeia pírem Gavião tabet to nã pe'pera, barracão 'a' xet ta'a, Santa Maria ká' kây. Tap karo nã pe'pera ya'ti nãn i'ke Gavião ģa ma'pây ģa' 'et, ka'to kata tati yat te'kây tabet, to'wa ko'mãm. Kanãy Gavião tawa'ye' tona'tia mûy mãm te'et aldeia pe'. Na'měk kap tûra te'wa'ye' tap kây. Kanãy 'at kanã māk pia tebikop toxit toya. Te'kéran yâye' tawa'ye' pug pug to'wa te'kây, tap ma' pug ma' mã. Mĩn mãm 'wep chumbo kap xit takâga manã opã pû' pe'. Kanãy te'wa'ye' te'koroba wat awa pihmãm tap páy, to'wa kōam, Cheba ģa', at awa to'wa kōam. Wák opã pû'et wãga to yu wûya kōam, kanãy owa'ye oyu xûga xut, xut wa' oyu mamãya kanãkam. Pagon tóptem Cheba ģa' at awa to' 'ep topaba. Awây 'a' tabitẽma te'et Joãozinho at ka'a'a' kây te'mãra'a, 'at mĩn mãm katâyéta ģa' takâga a'kây. At owã ģa' omaxére emet mayã oxa'kûrûk to' pe' dona Ester ģa'. Kanãy te'nõ wa'ye' topaba. Papi ģa' ken xo' manĩk kape' toat iyõm pák. Ĝa'at iyõm naka pe' Gavião tabep pug to'wa. Kanãy tabet a'ot ká' pitãga, tap páy ot ka' to' kato piyapéya, kanãy to'wa toat marók ká' kây tap na'kap ya'xi ta'a, wûw, wûw to'wa tobenaoba, ka', pi'yã tapĩga, kanã xap mabe'xûra. Apây Merẽy ģa' ta'wara tabet at awa pihmãm. Parak to'wa ģa' at owé xoropia, kanãy to'wa anaká ta'wara.



## *Janete I'gûp Pá' Arara*



### **Sem pai e sem mãe**

Minha mãe morreu quando eu tinha uns 6 anos. Morreu de feitiço colocado pelo povo Urubu. Depois meu pai também morreu. Ficamos sem pai e sem mãe, eu e meu irmão mais novo do que eu. A gente vivia pelas casas dos outros.

Depois um branco seringueiro levou meu irmão pra terminar de criar. Meu irmão foi embora e até hoje não quer mais morar conosco. Ele não quer se lembrar de tudo aquilo que aconteceu com nós, naquele problema com os Gavião.

### **Problema com os Gavião**

Para os Gavião irem para o barracão Santa Maria, do Barros, eles tinham que passar num varadouro pertinho da nossa aldeia. Uma mulher Gavião inventou para eles que nós Arara não queríamos que eles passassem na nossa aldeia, porque eles traziam gripe para nós.

Naquele dia os Gavião chegaram cedo na nossa aldeia. Fizemos macaloba para eles. Passaram o dia com nós. De noite, quando a gente já estava dormindo eles atiraram em nós com espingarda. Até hoje tem chumbo em vários lugares do meu braço. Na hora, corremos pro mato, eu, meu irmão, outra menina, a Cheba, e o irmão dela. Meu braço ardia muito, tinha muito sangue e eu ficava chupando o sangue pra ele entrar para dentro de novo. Três irmãos da Cheba morreram.

Cruzamos o rio Machado e fomos parar na casa do Joãozinho, que hoje é casado com a Catanheda, mulher do Joãozinho Gavião. A mãe dele, Dona Ester, cuidou de mim, botou remédio nas minhas feridas.

Morreu um bocado de gente. A Papi estava dormindo com o pai dela na rede, nos pés dele. Os Gavião atiraram na cabeça do pai dela, ela escapou por pouco. Cortaram a cabeça dele, cortaram a cabeça de muita gente e levaram para a maloca deles, penduraram no pau e ficaram







## *Janete I'gûp Pá' Arara*

Kanãy ģa' wa'ye' tokoroba toat awa pihmãm. Kanãy i'yat tawa'ye' tokoroba yét aldeia mapârâba. Té tap yapít i'ke te'et tayapít kanãp, nãna i'kay tap pãrãp yapía, kanãy i'yat tap to' 'ot yahmãm.

### **Seringal pe'**

Kanãy wet obetiga mõnnap at ka'a' to' 'erem okâga. Kanãy péğ wa'ye' wat awa ta'wara amawây nã, Méwa ta'wara to'wa kõam. Kanãy owa'ye' oya'wara Firmino at seringal kây Miúda ģa' pihmãm, Penha 'a' kây. Wat padrinho a'nãt xo', Dona Miúda ģa' pikây 'wep trabalhar wa' ģa' at mok pe'a xára iya 'a' pe ixû pe', Kanãy i'tã wat tabet oara, oara, to'wa kanãy owa'ye' obeara Pauá, kanãy a'wa topaba tobiték ká pe', Kanãy owa'ye wat padrinho at ka'a'a' kây obara'kâga.

Penha 'a' pe' owa'ye' Manoel toba, seringueiro a'nãn xo'. Kanãy a'wa'ye' oya'ti nã, i'tã ģa' pãt ģa' onãn xo'. Mamão 'a' pe' wat owé yané mamãt wa'ye' towûya Chaguinha.

### **Oya'wara Porto Velho kây**

Kanãy te'wa'ye' tena'wara at tap kây Jaru 'a' kây, Kanãy, Porto Velho kây te'a. Ã at tabet i'ke xo' oya'ti nã, i'tã ģa' takâga topã 'at kanãp. A'mõm ya'ti nã tabet, at owé pihmãm, té i'tã ģa' ya'ti nãn i'ke to'wa. Kanãy Manoel 'et xo' toya'wara wat owé pihmãm, kanãy a'wa'ye' pebixey pe' tobara'kâga ora'wara korem. Otia kanãy mãm tabet i'ke xo' oya'ti nã, kanãy komã tabep oya'ti nã. Wat owã ģa' kõm, wat sogra ģa' 'et xo' oya' ti nã. Porto Velho pe' wat owé tap páy 'et tobepãra. Pagon to' pãttem mã'wût tap, pagonno' pãttem to'wa ma'pãyrãp kõam, kanãy 'at kofirem topaba. Porto Velho pe' omãn 'ep trabalhar to'wa xo'.



## *Janete I'gûp Pá' Arara*



dançando ao redor delas a noite inteira. Levaram a finada Antônia e um irmão dela. Furaram o filhinho dela e levaram a cabeça dele. Depois a finada conseguiu escapar, e ela e o irmão voltaram para a nossa aldeia.

Os Arara foram embora daquela aldeia. Não vingamos a morte dos nossos parentes, mas também o que adianta matar e não comer?

### **No seringal**

Aí eu fiquei jogada por aí, na casa dos outros. O branco seringueiro levou meu irmão, Meuá, para criar. Depois fui parar no seringal do Firmino e da Miúda, lá na Penha. Ele era meu padrinho. Eu trabalhava muito para Dona Miúda, lavava roupa no rio, nas pedras, limpava casa. De lá, os Arara me buscaram e eu me casei com o Pauá, que logo depois morreu de febre. Voltei de novo para a casa do meu padrinho.

Na Penha conheci o Manoel, não indígena, que era seringueiro. Ele gostava de mim. Eu era uma índia muito bonita! Na colocação do Mamão nasceu meu primeiro filho, o Chaguinha.

### **Ida para Porto Velho**

Aí pensamos em voltar para perto da família dele, lá para o rumo de Jaru e depois Porto Velho. Quando a família dele soube que ele tinha casado com uma índia, não me aceitaram, não. Aceitava ele e o filho, mas a índia não. O Manoel até foi um pedaço com o meu filho, mas no meio do caminho voltou e me levou. No início fui rejeitada, mas depois que me conheceram melhor, gostaram de mim. Minha sogra era como se fosse minha mãe.

Em Porto Velho nasceram meus outros filhos. Tive quatro mulheres e quatro homens, um já morreu. Meu marido trabalhava em Porto Velho, de carteira assinada.





## *Janete I'gúp Pá' Arara*

### **Obakâga kanâkam**

Kanây 'wet wat tap yega mây mãm. Parintim tap omatõn nõ kât karo nẽ kât topâ to'wa. Ji-Paraná pe' 'ap totia, kanây to'wa koto ta'a karo tap pa'kât topâ Ji-Paraná pe' to'wa. Pa'pik koya 'wet carta ma'wara xo' 1994 mã. Kanây 'wet oxahmây karo nõ yãn topâ cemeton ã 'wa, kanây owa'ye' o'a, kanây owa'ye' Pedro yâ tokõna toat owã gã' pap tayãn ã wa' a'toba. Arõy tokõna yá' to'wa okây, oma yá' nãn tokõna. Kanây tawa'ye' carta matia te'kây. Yeganã ay owa'ye' owero matia wat tap kây kanâkam. Owát xúrem yegope, câncer takâga 'et to'wa xo' médico torobexãn nã. Hospital pe' 'wep omoba, quimioterapia tîga. Obara'kât kanã ya'ti nã 'wet mây mãm oxabéya mãm kây, 'wet owûya kanã kây, opay nãn wat tap piko pem 'wa. Volmir, CIMI pát orara'kât opáy nã mēganã kây. Kanây 'wet oxéroba. Mağot 'wet i'ke oyã kanã ya'ti nã cidade pe', 'õn o'at kanã ya'ti nãn i'ke cidade kây. Pát 'wet mēt oyã. Páttem mēt wat owé tap omãm pírem toyoba. Páttem oxabéya mēt.

### **Reencontro**

Sempre procurei pelos Arara. Através de um indígena, Parintintim, João Minico, fiquei sabendo que tinha Arara. Ele veio para Ji-Paraná e levou a notícia que tinha Arara em Ji-Paraná. Mandeí várias cartas, e nada. Em 1994 fiquei sabendo que tinha um Arara no Cemeton (hospital). Fui lá e vi que era o Pedro Arara cuidando da mãe dele.

A Maria, esposa do Pedro, se lembrou de mim. Eles mandaram uma carta pra nós. A partir daí, retomei o contato com o meu povo. Eu estava muito doente, com câncer, desenganada pelos médicos. Fiquei internada por muitos meses, fazendo quimioterapia. Meu desejo era voltar pro meu lugar, de onde saí, para morrer no meio dos meus parentes. Aí o frei (Wolmir, do CIMI) me ajudou a voltar para cá. Aí me curei do câncer. Nunca mais quis morar na cidade, não gosto nem de passear na cidade. Estou satisfeita de morar aqui. É bom, meus meninos estão todos pertinho de mim. Aqui é o melhor lugar.



*Cida Yary Arara*







### **I'kâga seringal pe'**

Wat iyôm at aldeia pe' 'wep owûya, kanãy 'wet oyã kanãpe' mây mãm. Yegope i'yat tabep pa'piktem xo'. Kanãy 'wet owûya penha 'a' pe', wat iyôm toyã seringal pe', Santa Maria kanãpe', kanãy te'et péğ toba Barro toba. Kanãy te'et tabet péğ kây xi'tik to' pॅya yét Barro kây. Kanãy tabet toroxahmây nã péğ wero ara pãttem. Yegope, te'et tabet péğ wero ara pãttem. Kanãy yerabet péğ wero xetiga to'wa toat ta kây. Át, yét trabalhar karo'wa to'wa 'at tap kây kanãy te'et tabet Patóy (Pantoja) toba, kanãy 'at te' páy nã péğ páy toba.

Mây mãm te'et tabet péğ toba Néy (leite), xû' to' tiga to'wa, kanãy pa'ria mőy tĩga to'wa kanã to' ma'ã péğ 'et te' kây. Kanãy pãw to'wa, kanãy wat iyôm 'et te'et naxey takãga kőam tap páy to'wa naxey to' takãt kőam. Te'et te'yoba seringal pe' Santa Maria kã' pe'. Kanãy Barro at tabet te'et kanã to' pãga, ma'ẽ, mok pe'a, iyã na'non, tag ma' to'wa. Íttem 'õn xo' yegope'. Kanãy wat mok pe' pãga tomãg kanãy mãm, mây mãm pũ manẽ kanãy 'wet i'ke pemã, yakóptem. Kanãy Gavião tabet Barro wĩa, át te xagãp to' pãn yãye' te' páro piara tabalhar kanãp owây nãn yãye' te'a, kanãy péğ 'et toyoba xû' pe'tây, kanãy, mẽ pũ' ay te'wa'ye' teyoba yeganãpe' i'yat tebep pa'piktem xo'. Kanãp tabep pexéptem te'xet maya itãrap to'wa pa'piktem i'yat tap mây mãm xo' to'wa. Kanãy wat iyôm 'et péğ wero ara pãttem. Tabaja kanã pe' te'ep te'yoba, kanãy te'wa'ye' yãg te'a Urupã kây seringal kây, yét seringal, yoara, yét péğ toba Urira to'wa anxey, pॅya ã 'at trabalhar karo'wa ã to'wa te'kây te'páro xeyega. Ma'wût tap kây ma'pây tap kây to'wa tapáro to' xeyega naxey to' óra ã to'wa, te'páro to' xeyega te'wirup tĩga, manĩ péga 'nãt to'wa pa'ria mőy ma'waba ã to'wa. Yét Urira 'et i'ke teroya'ti nã. Kanãy 'at, tayapía i'kay to'wa towero tapĩga. Kanãy 'at i'ke te' páro to' piara mekőmãm te' et te'pãrap to' pahwa péğ kây 'at i'ke kőam dinheiro ma'ã to'wa. Kanãy te'et te'koroba, át teyapít a'pem te'a ixak mãm ixû pe'pe, ta'wara kawãy rio Machado xûpa' pe' 'erem naxo 'erem, péğ yoy i'ke xo' mây mãm xû pa'pe to' pe'. Kanãy te'et péğ at naxey toba, kanãy te'et péğ at naxey pe' iwa kap ara, manĩ ara te'a, kanãy te'wa'ye' seringal kây tena'wara Santa Maria kã' kây.





## *Cida Yary Arara*



### **Vida no seringal**

Eu nasci na aldeia dos meus pais. Morei lá por muitos anos. Naquele tempo ainda tinha muitos Arara. Eu cresci na Penha. Eu vivi com meus pais. Meu pai tinha contato com o Barros, lá no seringal Santa Maria. Ele trabalhou como seringueiro pro Barros. Lá ele aprendeu a falar português muito bem. Ele falava bem o português e passava as mensagens para o povo dele. Ele levou mais Arara para trabalhar na seringa. Foi através dele que eles foram trabalhar com o branco. Ele conheceu também o Pantoja que ajudava no contato com outros brancos.

Os Arara plantavam roça para fazer farinha e vendiam para o Barros. As mulheres também tinham que ir pra roça. Plantavam também outros alimentos. Os Arara também tinham sua roça, mais para adiante da roça do Barros. Meu pai também tinha roça, todos tinham. A gente morava no seringal Santa Maria. O Barros pagava por nossos serviços com panela, roupa, machado, espingarda, mercadorias. Eu era pequena ainda, foi o Barros que me deu a minha primeira roupa, um vestido. Ainda me lembro dele, eu usei, não achei quente.

Aí os Gavião quase mataram o Barros, porque ele só dava facção para os Arara. Eles ficaram com ciúmes. Aí nós corremos de lá e fomos até o Tabajara. Eu já era grandinha. Os brancos estavam de um lado do rio Machado e nós do outro. Lá já tinha muitos Arara. Éramos conhecidos como Itarap (muita gente). Meu pai sabia falar o português porque ele já trabalhava com os brancos.

Ficamos muito tempo no Tabajara; de lá fomos parar no Urupá, num seringal. Quem cuidava desse seringal era o Urira. A gente tinha que trabalhar muito para ele, tanto os homens quanto as mulheres: fazendo roça, descascando mandioca, fazendo farinha. Urira não gostava de nós. Ele ficava falando que ia nos matar. A gente não ganhava nada, trabalhava de graça, nem via o dinheiro. Com medo de que ele ia nos matar, fugimos de noite. Descemos o rio Machado, pela beira, no mato, pois naquele tempo quase não tinha gente morando na beira do rio. Passamos muita fome. Quando encontrávamos roça dos brancos, pegávamos um pouco de banana, macaxeira... e assim descemos até o Seringal Santa Maria.





## *Cida Yary Arara*

### **Iba'kâga yãg̃ yãg̃ ya'**

Yeganã ay te'wa'ye' kanã páy kây teba'kâga. Mây mãm xo' mekõm teba'kâga. Te'et tap nõ pay yâye' te'et tena'wara te'a kanã páy kây. Tero xaropay yâye' te'et kap kây. Kanãy te'et teba'kâga kanãkam yãg̃, yãg̃ te'et mây mãm te'ba'kâga Pipe' pĩk tabat agó'a'pât teyapít yat yâye' te'a mây mãm, karo tap yapía. Teba'kâga Ji-Paraná kây. Kanãy kanã páy kây te'et. Naxo móm xo' mây mãm tât Ji-Paraná pe' te'et marók ká' xú' ká' yap xo'. Mây mãm Manichula 'et to' kâga toat iyõm pik xo'. Pedro wûy i'ke xo'. Naxo pe' to'wa Pedro at iyõm xo Manichula pihmãm Pedro Agamenõ to'wa tokõna a'xet. Mây mãm at agó'a'pât maromût nãn iba'tiga, ximĩt to' kây. Pedro Aãamenõ to'wa tabat iyõm kây, Manichula tóy naxo pe' to'wa. Kanãy 'at abipe 'a naxo kây ihi, ihi to'wa. Kanãy maxa'ût naxo pãt 'et toropakára, kanãy to'wa amawãga, kanãy to'wa axepëya, kanãy 'at towûya ka'a'a' kây to' mãya to' xarahwára, to' yú to' mawûya to' nãk ká' to' ay. Kanãy a'wa'ye' topaba. Maxa'ût naxo pãt a'wĩn. Kanãy tawa'ye' a'tã fazenda pem. Mario Piloto at kanã wãn mây mãm.

### **Ibanaop kanã**

Kanãy te'et nãnã ká' tĩga, té maxa'ût ximãn 'nat te'a: yate, na'wây, te'et maxa'ût, naxo pãt mawây nãn, kanãy te'et tappáy xeyega na'na karo'wa te'a tap kây festa to' toromoba pagontóptem kanã ket to nã te'et na'mëk kap 'oa, yate, na'wây wayo te'a. Kanãy te'et tabet na'mëk kap to' 'ûra yegope'. Kanãy tabet, xĩm to' pëya yegope'. Tap móm kanã ya'ti nãn xo'. Tap wãw nãn, toroyapía manã to'wa kõam. Kanãy na'mëk kap kãri nãn yâye' te'waye' yãg̃ te'a aldeia páy kây. Kanãy tabet karo na'tia to'wa, kanãy yãg̃ te'wa'ye' te'mãra'a na'mëk kap to' 'oa. Kanãy ma'wût na'wûy yã, xĩm yapia ye' ma'pây tabet kanã wa'wût tap manĩra nã, na'mëk kap ma'ã tap kây. Te'et iyõm tap, pég̃ kây trabalhar to'wa te'et i'ke, na'na tĩga maãot te'a mĩn.



## *Cida Yary Arara*



### **Andanças**

De lá andamos por outros lugares. Antigamente era assim, a gente não parava. Se morria alguém na aldeia, todos se mudavam, abandonando a aldeia. A gente se mudava pra esquecer um pouquinho da pessoa. Mesmo assim, não dava pra esquecer. A gente ficava com saudades da pessoa. Só bem mais tarde voltava pra lá de novo. Mudávamos muito também por conta dos Urubu: os pajés deles mataram muito Arara.

A gente andava daqui até Ji-Paraná e também para outras direções. Ainda era tudo mato. Em Ji-Paraná tinha nossa maloca grande. O Manechula chegou a morar lá com o pai e a mãe dele. Pedro ainda não tinha nascido. O pai do Manechula e do Pedro se chamava Xatãñ. Os brancos chamavam ele de Agamenon. Ele era pajé muito forte.

A mãe do Pedro contava que uma vez o pai do Pedro achava que o Manechula havia se perdido no mato. Aí ele foi atrás procurar o filho e gritou muito no mato, gritou, gritou. Aí o espírito da floresta ficou bravo e castigou-o muito, bateu muito nele, e ele chegou em casa todo machucado, botava sangue pela boca. Depois ele morreu. Foi o espírito da floresta que o matou. Ele foi enterrado onde hoje é a fazenda do Mario Piloto.

### **Festas**

A gente fazia muita festa. Criava porco do mato, anta, macaco; quando estava bom, convidava os parentes e fazia festa. Era uns três dias de festa, com muita macaloba e muita carne de porco do mato, macaco, jacaré. Fazia a macaloba no pilão. Também pisava carne no pilão. Todo mundo gostava, ficava alegre, mas ninguém brigava. Quando acabava a macaloba numa aldeia, já vinha o convite para irmos para outra aldeia continuar tomando macaloba. Quando os homens chegavam da caçada, as mulheres iam ao encontro deles para oferecer macaloba. Quando a gente trabalhava para os brancos, não dava para fazer festa.





## *Cida Yary Arara*

### **Ipâga**

Mây mām te'et i'ke xo', péğ at kanā takâga, pixottem te'et teba'kâga makāri móm mā móm te'xak to'ya'mēya. Mây mām ma'wût tabet napâ pû' mā' to xáp pû' to' yamēya, to xapâ ya'mēya napâ pû mā koām, ma'pây ġa' yān yâye' to'wa ġa' mayā ma'pe ká' pe' paya ká' pe', xarokâya pap mayā ġa' at manĭk kap xirito pe'. Mây mām yét ma' pây ġa' 'et toyú xú tayā manĭk kap pi'yā pe', xarokâya pap pe'. i'xak mamóm ġa' 'ep towûy iga ĭttem. Ma'pây ġa' 'et i'ke xo' oyú xú wûy ġa' 'et yat i'ke to'wa kanā nō 'oa' 'xú, manĭ nā 'ot yahmām, nayā xú 'ot yahmām to'wa kōam.

### **O'ût pâra**

Kanāy 'wet omām wat owé tap mapâra mây mām, ma'pâyrap pa'pigat i'ke xo' yét aldeia ĭt pe' 'wet, oyā. Kanāy 'wet o'ût taya'xi takâga 6 tem mĭn. Wat toto tap mapâra wat owé tabet naxo pem, obitān yâye' Xeba ġa' wa'ye' opáy nā o'ût tap mapâra. Ma'pây ġa' 'ût pân yâye' ġa', 'yōmnap et ġa' 'ût tiga mây mām. Ma'wût ikap toxey ġa' páy nā ġa' wira. Oxey ġa' 'ût wûy yâye' ma'wût 'et toxey páy nā to' 'ût mawây nā. Oxey ġa' 'ût wûy yâye' ma'wût 'et yat i'ke maxa'ût nō' 'ûp wĭa, kanāy 'at yat i'ke kanā nō' 'ûp 'oa a'xey ġa' kōam. I'yat owé wát tin to'wa, i'yat owé wây nā koto pemóm 'yet tin kanā to' 'oa. Kanā nō' 'ûp 'ot yahmām te'et mây mām naxo pe'.

### **I'yat nxo ara**

Péğ na'māya kanāp te'et amapâra mēganā mapârâba Aldeia cinco irmãos pírem te'ep te'yoba xo'. Kanāy omēn wa'ye', toat pihmām péğ mana'wûya. Ma'pâyrap móm toyoba yét aldeia pe', naxey pe' to'wa ma'wût tap tayoba naxo pe' tabat xĭm yapit nāt to'wa. Kanāy 'wet obia'ra xúrem péğ kay i'kûy tona'tia teyapía i'xak mām 'wa. Kanāy i'târap 'et to téra péğ pûya, Karo tap, Gavião tap, FUNAI to'wa Porixa (polícia) to'wa amana'wûya manĕrem.



## *Cida Yary Arara*



### **Vestes**

Quando ainda não usávamos roupas, as mulheres não usavam nada na frente, só uns colares e um cinto na cintura. Os homens usavam um cipó amarrando o pinto. Nesse tempo quando a mulher menstruava colocava um cestinho com areia debaixo da rede. A mulher tinha que ficar deitada nessa rede o tempo todo. De noite podia sair um pouquinho. Não podia comer mandioca, pamonha, milho torrado, não podia tomar água.

### **Gravidez e partos**

Eu fiz meus próprios partos. Nessa aldeia onde eu morava não tinha muitas mulheres porque era uma aldeia pequena. Minha mãe me ajudava. A parteira morava muito longe, em outra aldeia. Eu tenho seis filhos vivos. Todos os meus netos nasceram na aldeia e não no hospital. Cheba ajudou a fazer os partos.

Quando uma mulher fica grávida, o nenê é parte do pai e parte da mãe. Mas é a mãe que fica com o nenê, porque está na barriga dela. Mas o homem está lá para dar assistência. Depois do nascimento eles cuidam juntos, a criança é dos dois, homem e mulher. Quando uma mulher ganha nenê, ela e o pai da criança precisam respeitar algumas regras. Tem muitas comidas que os dois não podem comer para não prejudicar a criança. Só quando a criança estiver maiorzinha é que os pais ficam liberados para comer e fazer o que quiserem.

### **Invasão**

Quando os brancos invadiram nossa terra, lutamos muito pra tirá-los daqui. A gente morava num lugar perto da atual aldeia Cinco Irmãos. Meu marido ajudou a expulsar os invasores. As mulheres e crianças ficaram na aldeia. Só um homem ficou na aldeia pra caçar e pescar pra mulherada. Eu fiquei com muito medo, achava que os brancos iam nos atacar à noite. Mas houve muita união dos Arara e dos Gavião, que juntos com a FUNAI e a Polícia conseguiram expulsar todo mundo.







*Cida Yary Arara*

### **Mĩn mamât kanã**

Mĩn 'yep iba'kâga pãttem, kanãy 'wet mĩn oxara ká' toya, kōam i'kay iba'kâga mĩn xo' mēnã 'wet. I'kay i'yat naxo takâga manã mây mãm kokōm xo' mēnã wa. Kanãy 'wet wat kanã yoan iga kanãy, 'wet omēn pihmãm toto 'et, kanã to' ma' ã kanã to' takâga manã. Nãya, manĩ, mara'ã te'et naxey kanã takâga xúrem. Kanãy 'wet wat kanã to' ma'ã wat tap kây, ma'pâyrap kây. Mĩn 'wep oxára ká' toya i'yat nẽttap kây kōam. Kanãy 'wet wat toto tap kây owero ya tap ma piara, i'yat kanã tigat yahmãm 'wa. Tap i'wero toy i'ke. Kanãy tabet pẽg at kanã móm topkanã ya'tinã. Mĩn 'yet i'ke i'yat kanã tĩga, mây mãm kokōm kanãy 'yet i'wero pârâp yá i'yat tap nẽt tap kây tap i'wero toy i'ke.

### **Daqui para frente**

Hoje estamos mais tranquilos. Minha preocupação é como viver daqui pra frente. Será que teremos problemas mais adiante com a nossa terra?

Eu guardo as minhas sementes. Sempre meu marido e eu fazemos isso, não podemos perder as sementes que Totó New deixou pra nós. Guardo sementes de diversos tipos de milho, tipos de mandioca, cará. Na minha roça sempre tem muita coisa. No tempo de plantar eu dou sementes para outras mulheres.

Hoje minha preocupação é com os jovens. Eu sempre oriento meus netos a viver de acordo com a nossa cultura. Mas eles não me ouvem. Querem muitas coisas dos brancos. Hoje não fazemos mais as nossas atividades de forma coletiva, está tudo muito individual, eu estou orientando os jovens, mas eles não estão ouvindo a orientação que estou passando pra eles.



*Izabel Ka'taga Arara*





## *Izabel Ka'taga Arara*

### **Pa'piktem karorap xo'**

Paro yo'kap to'wa wat iyõm xet, Yora'ap to'wa wat owã gã' kây. Samaúma 'a' pe' 'wep owûya Xû xû xû pírem, Xérek ká' pe' 'wet kõam oyã. Yeganãpe' ameko 'et wat iyõm wĩa. Iwa ara 'at xo' Samaúma 'a' kây, pagon to' páttem ma'pârap 'et tomãra'a xo' a'pik. Tap mâk nã pe'pen yãye' ameko 'et, pãk a'kâp tokõna, kanãy mog a'wa'ye' a'kûga. 'ey, 'ey 'at xo' towero paba, tóp a'wa'ye' a'wĩa. Dez anos tem wat kanã xipap to' yegope'. Pa'pik káptem xo' i'yat tabet toyoba aldeia pe', Gavião tabay yegope'. Nova Colina pem i'yat tap at, naxo pa'kâp xo'. Xa'tût pap to'wa yeganã xet xo'. I'târap móm xo' toba'kãga mêt. Kanãy Suruí tabet iyapít iga xo'. Péğ kât i'ke xo', mêt omên yãm xo' Iterap kanãpe' mĩn ã Yamóraxû pe'. To pẽ pakát komã tabep mây mãm toat kanã paorop to' yega: iwa, op to'wa. naxey to' páttem xo' mēganã pe'. Kanãy i'yet to' bagon toya toat tap to' toba, móro to'wa toat tap to' xeyega na'mēk kap manĩ kap to' 'oa, nãya xû to' 'oa, iwa xû to' 'oa, xĩm 'oa manĩ pe'tût pihmãm a'tût pihmãm to'wa kõam. Xĩm pa'pãn 'oa 'yet, ip pe'xi 'ya. i'tã xaw (sal) takât i'ke yegope axuka (açúcar) 'ya kõam. Kanãy komã 'yep ixamãga yeganã kây. Pe'tik ká' mã 'yep i'yat kanã mabe'wira páttem xo. Kanãy 'yet i'pây nã kanã wãk tóp mãm, kata tóp mãm 'ya. Toro pây nã kanãp tabep toya'teba. Péğ at kanã 'oa i'ke yet. Lourdes xû napi to' pe' tap páy 'et toyoba, kanãy péğ wa'ye' i'yat tap ara trabalhar tabet 'nãt i'kây to'wa. Kanãy tap páy wa'ye' tokoba kanãkam. Kanãy péğ wa'ye' te'nõ wĩa, kanãy i'tã tawa'ye' péğ yapía tak ma' púğ ma' mã', xõa kanã to mã to'wa Pibepĩk tap, tap páy nãn kõam. Karo na'tia mēk aldeia kây ye' i'târap tabet i'ke péğ, mâk yapía. Tema kori iga péğ 'et xo', kanãy 'at i'ke toxira'kãga tokõna. Pibepĩk tap péğ yapít kõam pa'piktem.

### **Kanã wãk**

Aldeia páy to' 'erem te'ep te'pēmakãga te'et tap pihmãm, pixottem te'ep teba'kãga, mok pe' 'a' tóp mãm. Barros te'et mok pe' 'a' pãn toat manĩ pap ma'ta koto piyara. Kanãy te'et yakõp teye' te'a pe'a tiga imabexak teye te'a. Wero páttem yét Barros. 'At tero maxahmãy nãn mãğ tã, kanãy to'wa texagãp to' pãga, iyá na'non, kanãy 'at i'ke takûra ye' to'wa péğ páy kây, kanãy Barros 'et cana xû ma'ã, narãy ma'ã, meraxia ma'ã, to'wa te'kây, kanãy te'et i'ke te'kõna meraxia 'a' ya'ti nã. Santa



## *Izabel Ka'taga Arara*



### **Muitos Arara**

Sou filha de Paroyokâp (pai) e Yora'ap (mãe). Nasci na aldeia Samaúma, no rumo de Alquideia. Também morei na aldeia Xerek Ka. Nesse lugar uma onça matou meu pai. Ele ia para uma outra maloca chamada Samaúma buscar banana. Quatro mulheres foram com ele. A onça deixou todas as mulheres passar. Ele era o derradeiro. Então a onça pegou meu pai. Ele gritou, gritou até a onça matá-lo. Eu tinha uns dez anos. Nesta época ainda tinha muito Arara morando na aldeia, mais do que Gavião. Até Nova Colina era terra dos Arara. Nós chamamos este lugar Xa'tût Pap. Só andavam índios por aqui. Tinha Suruí que atacavam a gente. Não tinha branco. Meu marido já morava aqui onde hoje é Iterap; chamamos Yamoraxû nesta época. As famílias andavam entre aldeias, buscando frutas, bananas, mamão. Tinha muita roça espalhada por aí.

Os Arara se visitavam muito, uns convidavam os outros para beber mingau de macaxeira ralada, de milho, mingau de banana, comer macaxeira assada e cozida. A gente comia carne pisada e sopa de peixe. Nesta época não tinha sal e açúcar, só depois nos acostumamos com isso. A gente adoçava com batata. Foi um tempo bom. As pessoas ficavam velhas, não tinha doença, não tinha gripe, nem nada. As pessoas morriam de velhice, a gente ainda não comia como os brancos. Um grupo morava na boca do Igarapé Lourdes e os brancos foram lá pegar Arara para trabalhar para eles. Mas alguns Arara conseguiram fugir de volta. Aí um branco matou um Arara e os Arara mataram os brancos com espingardas e flechas com a ajuda dos índios Urubu. Os brancos foram para a aldeia e todos morreram porque os Arara mataram eles. Os brancos iam atacar os Arara e não voltavam mais. Mas os índios Urubu também mataram muito branco.

### **Presentes e doenças**

A gente andava com o grupo entre as aldeias e ainda não usava roupas. O Barros dava roupas para nós em troca da gente limpar mandioca para fazer farinha. Mas a gente achava muito quente e jogava fora, dava coceira. O Barros era bom. Ele ensinou a gente a plantar caroço de manga. Ele dava as coisas para nós, dava machado e não deixava os brancos mexerem com a gente. O Barros também dava mel de cana, laranja, melancia e goiaba, mas a gente não gostava de melancia porque achava que tinha um cheiro ruim. O seringal era lá no Santa Maria. Lá a gente encontrou farinha; ainda não conhecíamos farinha.







## *Izabel Ka'taga Arara*

Maria ká' pe' seringal pe' a'yām mây mām. Kanāpe te'ep paīa toba, té paīa toy i'ke xo' werem. Té péğ toy yāye' te'wa'ye' terowāga kata to' ara. Kanāy xarāp (sarampo) 'et kōam to māga, kanāy to'wa i'yat tap yapía. 'Ōn xarāp (sarampo) an xo' kōam. Kanāy tabet to ya'teba, nakomnap kanā ara pemām. Xarāp (sarampo) pe' wat owā ġa' 'et topaba. Kōm i'kay iromaxéroba ā 'yet i'ke. Tap ya'te kanāp tabep mây mām tap to' tā tap páy mām to' pák.

### **Mēn**

Napok omēn yané mamât a'nān. Xagarokōmnem Napok xey ġa' to' xo'. Catanhede ġa', ġa' páy nān, péğ takāga ġa' 'et mīn Gavião tap pikop toyoba. Pagon to' pāttem ġa' 'et to' 'ût tap pa'kāga Napok pihmām. Peattem át 'wet obeara a'pik kope'. 'Ōn obeara kanā ya'ti nān i'ke xo' a'pik. Wat owā ġa' pay yāye' to'wa ġa' mēn 'et oyoara 'ōn Napok an nāt to'wa. 'Ōn Napok at anāt ġa' takāt to'wa 'at oma'ā. 'Īttem ġa' xo' kán kanāy ġa' 'et topaba xarāp (sarampo) a'ara kotóp kokāy. Urira at Seringal pe' 'wep obeara Urupá 'a' pe'. Pewíuitem át kán'. Tak pap ĩt pap xit takāga 'at xo' kán. Ma'pāyrap mabiaárara 'at 'ōn tap kún 'nāt to'wa. Kanā ay te'wa'ye' te'koroba Ji-Paraná ma'pera Awāy 'a' pa'pe ta'wara Santa Maria ká' xet ta'wara. Kotírem wat owé ġa' kâp apihmām kotírem to'wa mawût kâp kōam. Péğ wat owé wīn Mario Piloto at fazenda pe' ano 1997 mā'. Toro yapít iga tabet péğ pihmām kanāy péğ wa'ye' a'wīa iyá naka mā'. A'tâk pe'xûra móm. To' 'ût tap paraīra kokāy Napok 'et topaba. Agóa'pât a'wīn. To piték māya at kayaro pe' to' nāk karo yú mawûya kanāy tóp to'wa topaba, mamão 'a' pe', Lourdes 'a' pírem, kanāy 'wet Paulo ara o'ût tap pakât i'ke abihmām. O'ût tap ma'ú nān 'at toa tap kōam.

### **Agóa'pât**

Mây mām agóa'pât 'et i'wīa toximīt to' mā', kanāy tawa'ye' agóa'pât wīa kōam. Kanāy agóa'pât 'et i'wīa toximīt to' mamóm Pipe' pīk at agóa'pât i'yattap, yapít kōam. I'pât ka' mām 'yep i'paba. Te' mām, tē'mām Pipe' pīk at agóa'pât 'et 'yapia tokōnā, karo ya'tey tawa'ye' i'kây, kanāy, i'yat tabet ayapía topāna. Māya mât kanā mīn mamât kanā pihmām. Pāttem mây mām xo' tokōna, kanāy 'yet i'ke xo' irowā mómnm mīn 'yep i'mâk to' wāga. Mây mām aget tabet, i'ke to ket pa'kāga pey





## *Izabel Ka'taga Arara*



Quando conhecemos o branco, logo veio a gripe. Depois da gripe veio o sarampo e matou muito gente. Eu peguei sarampo. No mesmo dia morria muito gente, muitas crianças. Minha mãe também morreu de sarampo. Não tinha como tratar. Às vezes morria tanta gente que era enterrada uma pessoa por cima da outra.

### **Marido**

Meu primeiro marido foi o Napok. Napok tinha duas mulheres. A outra mulher, Catanhede, vive hoje com um branco que mora na aldeia Gavião. Ela teve 4 filhos com Napok. Ele já era casado quando eu me casei com ele. Eu não queria casar com ele. Depois que minha mãe morreu, meu padrasto me deixou para casar com Napok. Meu padrasto me trocou pela irmã de Napok. Ela ainda era pequena e faleceu de sarampo antes de chegar o tempo de se casar com meu padrasto.

Me casei lá no seringal Urupá, do Urira. Ele era muito ruim para nós. Andava armado com revólver. Fazia medo pra poder pegar as mulheres na marra. Aí nós fugimos de lá, passamos por Ji-Paraná (atual) e viemos por dentro do mato ou pela beira do rio Machado e varamos até o Santa Maria.

Tive uma filha e um filho com Napok. O filho foi assassinado na fazenda do Mario Piloto em 1997. Houve uma briga entre brancos e ele foi apartar e acabou sendo assassinado a facadas. Nada aconteceu com o assassino. Napok morreu quando os filhos ainda eram pequenos. O pajé que matou. Ele chegou em casa com febre e sangue saindo pela boca e aí morreu.

Na aldeia Mamão, perto do Igarapé Lurdes, me casei com Paulo. Não tive filhos com ele. Ele criou os meus dois filhos como se fossem dele.

### **Antigamente e hoje**

Antigamente um pajé podia matar pelos espíritos maus. Eles depois matariam o pajé. Pajés podem estar com espírito bom ou com espírito mau. Os pajés Urubu mataram muitos Arara. A pessoa estava boazinha e morria de repente. Os pajés Urubu contavam que matavam Arara. Eles jogavam morte nos Arara. Por isso os Arara também matavam os Urubu.

Antigamente era melhor, porque a gente não adoecia tanto, agora todos pegam doença.





## *Izabel Ka'taga Arara*

tapĩğa. Pia'attem 'yet i'tâ maygãra pën yat 'ya. Karo ket pë Pakât yahmãm, kanãy karo'wet a'pem o'raxexe manĩra nã agóa'pât 'et te'kây, kanãy tabet mekôm mãm to pë pakâga. Tap i'wero toy i'ke ko'mãm i'kûy tabet. Pëğ môm xáp ara tabet. Mây mãm 'yet i'kõna agóa'pât wero wûya kanãp a'wero toba, kanãy ya' ibia'ara i'kõna. Kanãy aget tabet mĩn pey 'erem to pë makâga to xéyará tobetõa escola 'a' at internet môm ta yã. Mĩn pāt nakôm nap 'et i'ke respeitar to'wa i'kây tēna, celular pemôm tabep. Dez tem wat kanã xipap to' Gavião tabet teyapít iğa xo' kope. Lourdes 'a' 'pe' te'yop xo'. Toro ma úba Gavião tabet, pëğ kây topâ te'kap temãra'a to'wa ko'mãm. Kanãy tabet i'ke to mãra'a. Kanãy tabet tokera te'et te'ebikop, te'et marók kap 'erem to'wa. Marók kap 'ú kap kanãy kap parít kap to'wa tomãra'ya, ká' xú ká pe' oyãm okõna. Tap māk kėran yãye' tawa'ye te'et tayapía pũğ ma' mã. 7 tem tabet ma'wût tayapía, seis tem to'wa ma'pâyrap yapía manĩk kape to xit to ya tomēn tap pihmãm. Nakôm ġa' nō pewĩn kōam ma'pây ġa' nō to'wa. Wat owã ġa', kanãy te'wa'ye' te'koroba marók ká' na'xāk 'erem naxo kây te'koroba. I'xak mãm Gavião tawa'ye' tona'wa ihi, to'wa. Antônia ġa' môm taxûra tabet, ġa' at awa pihmãm ġa' at owé to'wa, kanãy tawa'ye ġa' at owé wĩa, kanãy ġa' wa'ye tobara'kâga tobe'xûra toat awa pihmãm Gavião tap mapârâba, te'et kanã kây toxira'kâga. Tap karo xey tap an topâ ye' tap nō 'et tobetõa ġa' 'et i'wero takâga ġa'. Tawa'ye' teyapía. Karo kėnan yahmãm te'et kanã 'erem tabet topâ, karo kây ye' ġa' 'et to tōgoto pixiba, Gavião tap kây. Kanã, xa'tik pěn, Gavião tabep i'yat yapía. Kanãy xarãp (sarampo), 'et totia i'yat tap yapía kōam.

### **Pewiup**

Pewiuptem Gavião tap, Zoró tap kōam xo', i'yat inãbitem peğ toy mãy mãm peğ toy mãy mãm. Barros teromaba'kây 'nãn. Pipe' pĩk tap a'toy yané tokõna te'ay. Kanãy te' nō 'et pãttem pëğ wero ara. Te'wero mãm takâga yét pipe' pĩk tabet xo' kōam. Kanãy tabet toat agóa'pât mã i'yat tap yapía. Itã Barros wĩn 'nãt te'nã mabitēma awây 'a' pe'tây Gavião tabet xo' kán. At canóa pe' tabep a'kûga xo' kanãy tabet i'ke a'wĩa. Tobiaárara konã tawa'ye' te'mãga a'kây to'wa, te'et tap topâ', karo'wa, to'wa xo' kán.



## *Izabel Ka'taga Arara*



Na época os jovens não saíam de casa à noite. A gente tinha medo de pisar numa cobra. O pajé não quer que andem de noite para não encontrar espírito mau, mas eles andam assim mesmo. Eles não escutam e não acreditam nisso. Eles acostumaram com o branco. Antigamente qualquer coisa que o pajé falava, a gente respeitava por que tinha medo. Hoje os jovens ficam fora toda a noite, rindo, falando, usando internet da escola. Agora essa molecada não respeita mais nada, só estão no celular.

### **Gavião**

Quando os Gavião nos atacaram, eu tinha uns dez anos, morava no rumo do Igarapé Lurdes. Os Gavião se pintaram com urucum e falaram que iam lá para os brancos. Mas não foram. Dormiram na nossa aldeia. Em cada maloca dormiu um Gavião. Tinha uma maloca grande e outras pequenas. Eu ficava na grande. Quando todos estavam dormindo, eles nos atacaram com espingarda. Eles mataram 7 pessoas: seis homens e uma mulher que estava deitada na rede com seu marido. Uma criança e uma mulher foram atingidas. Minha mãe me acordou e nós fugimos pelo buraco da maloca para o mato. De noite mesmo os Gavião foram embora gritando. Eles levaram a Antônia e seu pequeno irmão juntos e mataram o bebezinho de Antônia. Mais tarde, Antônia e seu irmão conseguiram fugir da aldeia dos Gavião e voltaram para a nossa maloca.

Os Gavião nos atacaram por causa de uma fofoca de uma mulher Gavião que falava um pouco Arara. Ela falou para os Gavião que os Arara não gostavam que eles ficavam passando por nossa aldeia para chegar até onde estavam os brancos. Isso podia trazer muita doença para os Arara. Por isso os Gavião atacaram os Arara. Os Arara queriam fazer as pazes com os Gavião para depois atacá-los de surpresa (como vingança). Mas aí veio o sarampo e matou muitos Arara.

### **Brabos**

Os Gavião e os Zoró eram índios brabos. Os Arara já conheciam os brancos. Foi o Barros que amansou a gente. Mas os Urubu conheceram o Barros antes que nós. Um deles falava bem o português. Nós e os Urubu falávamos a mesma língua. Os pajés Urubu mataram muitos Arara.

Os Gavião queriam matar o Barros. Pediram pra ele dar passagem de barco pra eles atravessarem o rio Machado pra ir no barracão do Barros. Atacaram ele na canoa, mas não conseguiram matar. Com medo do Barros, os Gavião pediram para os Arara apresentarem eles ao Barros como se fossem Arara.





## *Izabel Ka'taga Arara*

### **Toto Néw**

Toto Néw te'et xán nã yoan át tero maxahmây nãn koko ká' mã to'wa. 'Õn 'õn ká yoara 'at kōam manĭk ka mabexéy 'nãt to'wa namón ká' to'wa kōam.

Kanây tero maxahmây nã kanã to' fĭga, kaanã tapĭga inaka pe' ibere'tep pe' to'wa. Manĭk kap xĭri kap móm takâga i'yat tabet xo' mây mãm. Iya'wara kanãp 'yep i'yat manĭk kap mãm xit ta'wara. Kanây Toto Néw 'et imaxahmây nã manĭk ka mok ka peya, wâwâ xû fĭga to'wa. Ixaweroma'i kotóp kokây 'yep manĭ takâga, nãya, op, iwa, mok, ya'mo to'wa, Toto Néw 'et kanã ma'tĕma kanãkam i'kây. 'Õn kanã takât i'ke xúrem mĭn 'õn nãya manĕ takât wat ka'a'a' pe'. Xakĕren pâttem maxa'ût naxo pât to'wa i'yat kanã 'oa naxey pe'. Moy kōam i'yat kanã 'ot, i'yat kanã tabexéba. Moy kóa tabet i'ke a'pe to' xa'tã. Moy tóp kokây te'ep op takâga, manĭ, iwa te'a. I'tã kanã takât i'ke mĭn. Kanây nakôm ġa' 'et iwa 'ot kanã ya'ti nã xo'. I'tã na'mĕk ka ma'ãt i'ke mĭn kape (café) xû móm, manĭ kât i'ke kōam. Itã Toto Néw at manĭ takât i'ke mĭn, pe'tik to'wa kōam.

### **Totó New**

Totó New (Deus) deixou fogo para nós. Ele ensinou como fazer com duas varinhas. Ele também deu tucumã para fazer rede das fibras de tucumã e também paneiros. Ele ensinou como fazer panieiro com tiras para serem usados nas cabeças e nas costas.

Os Arara só usavam rede de tucumã, porque era mais fácil de andar com ela. Durante as viagens, cada um carregava sua própria rede. Totó New também ensinou como fazer rede de algodão e o abano de babaçu. Antes do contato, a gente já tinha macaxeira, milho, mamão, banana, algodão e cará que Totó New trouxe de novo pra nós.

Hoje tenho pouca semente. Sempre guardo semente de milho mole dentro de casa. Têm muita curica e bichos do mato que comem as coisas da roça. Os bois também comem e estragam muitas plantações. Tem gente que cria gado e não faz cerca. Antes do gado a gente tinha muito mamão, macaxeira, banana. Hoje a gente não tem quase nada. Às vezes as crianças querem comer banana, mas não tem. Hoje a gente não oferece mais macaloba, mas café, por que tem pouca macaxeira. Nós não temos mais a macaxeira e a batata (petik xotkĭn) que Totó New nos deixou.



*Sandra Arara*







*Sandra Arara*

### **Wat tap**

Maria Tereza at owé ģa' at ģa' onān Alvaro naûrûp pihmām. Peattem 'õn Ito pihmām, seie tem wat owé tap, pagon tótttem ma'wût tap, pagon tóptem to'wa ma'pâyrap kōam. Paroxem kanāpe 'wep owûya, tât mīn cinco irmāos tabet toyoba kanāpe, yeganā ay te'et tena'tia mēganā kây. 6 à 8 tem wat kanā xipap to' yegope', aldeia Paygap yat i'ke xo' yegape', wat apây ģa' pik 'wep okāga de 12 à 13 anos 'wa wat kanā xipap to' xo'.

### **Wen Wen 'a'**

Wat iyõm yān i'ke móm to'wa, xi'tik to' péya 'at, cinco irmāos kanā pírem, kanāy te'et tena'wara Iterap kanā kây, wat iyõmnap, wat apâyrap to'wa kōam wen, wen te'et 'nāt to'wa. FUNAI at professor tap yet xo' mây mām wen, wen to'wa, imaxahmây nā péğ, wero móm mã wat iyõm 'et tobetõa. Kanāy 'wet okõna obetõa i'wero mã' escola 'a' pe' íttem péğ wero ara. Kanāy 'wet wat dificuldade yá professores ta pāt kanāp wen, wen, kanāp péğ wero mã'. Kanāy wen, wen kanā 'et i'ke teromaxahmây nā manérem. Kanāy te'et te' pē nakāga komā. Yané' 'wet i'ke kanā ya'ti nā xo' xúrem, 14 anos 'wet yāye' 'wet oxahmây nā ler wa, kanāy 'wa escrever 'wa kōam, péğ wero mã', missionário Joel pik. Át teromaxahmây nān leitura to' pe' professor tap páy imaxahmây nān i'ke xo'.

### **Projeto Açaí**

Kanāy 'wet o'a Projeto Açaí kây Arikān, emāya to'wa okây. Kanāy tawa'ye' tona'māya, Kara'yā Péw tap, yané tomāra'a, Pēm, Rute to'wa, kanāy 'wet ano 2000 pe' wa omāya okõna. Yeganā ay 'wep oxahmây nā ler 'wa, kanāy wa escrever wa kōam. Kanāy 'wa kōam i'wero mã. Kanāy 'wet



## *Sandra Arara*



### **Família**

Sou filha de Maria Teresa e Alvaro Noep e casada com Ito. Eu tenho seis filhos: três homens e três mulheres. Eu nasci no Para' Xep, lá onde hoje é Cinco Irmãos. De lá viemos pra cá quando eu tinha 6/8 anos. Naquela época ainda não tinha a aldeia Paygap. Eu morei com minha bisavó Antônia até 12/13 anos. Meu pai não parava, cortou seringa num seringal perto de Cinco Irmãos.

### **Escola**

Nós viemos para cá, Iterap, com o pai e a avó, para irmos na escola estudar. Os professores nesta época eram da FUNAI, e eles ensinavam tudo em português. O pai falava português, mas eu só falava Arara. Na escola eu entendia um pouco, mas eu tinha dificuldades com os professores, porque só nos ensinavam em português. Não tinha muita continuidade na escola porque os professores chegavam e saíam. Nós não aprendíamos muito. Também, nós andávamos muito para outros lugares, fora dessa aldeia. A escola não me interessava muito.

Com 14 anos eu aprendi a ler e escrever em português com o missionário Joel. Ele ensinava a gente na leitura. Os outros professores não ensinavam.

### **Projeto AÇAÍ e Intercultural**

Depois eu participei do projeto AÇAÍ. O Alicate me perguntou se eu queria participar e eu concordei. Primeiro foram Sebastião, Marli e Ruth e depois eu, em 2000. Lá, eu aprendi a ler e escrever um pouquinho na língua. Depois da primeira etapa eu fui para a sala de aula. Trabalhei um ano sem receber salário. Depois fui contratada. Concluí o curso com dificuldade depois de uns





*Sandra Arara*

oya'on yâye 'wa kōam wen, wen 'wa aluno tap kây. Kanãy 'wet um ano tem kanã xipap nã trabalhar 'wa dinheiro tóp mãm. Kanãy owa'ye' o contratar nã korem. Kanãy 'wet wat wen, wen kanã ma kãri nã, kanã dificuldade mãm pem. Kanãy te'et yâ te'et formatura fĩga ye', te'et curso Educação Básica Intercultural fĩga UNIR pe', kanãy te'et lutar te'a mêt curso 'et 'nãt Ji-Paraná pe' te'a. Kanãy 'wet vestibular fĩga wen, wen 'wet 'nãt Intercultural pe' wa', kanãy 'wet i'ke obe'pera yané mamât kanã pe', maḡot kanãp owa'ye' obe'pera. Kanãy 'wet 2016 mã' wat wen, wen kanã ma kãri nã. Mêt curso pe' 'wep oxahmây nã valorizar 'wa i'wero kây, i'yat cultura kây 'wa kōam.

## **I'wero**

Açaí kây kope 'wep obeara, wat owé 'ûp to' kâga xagarokõmnm, o'at yâye' 'wet wat nakõmnap yoara, Ito pik. Wat owé tap to' pa'kâga paḡon to' pãttem. Tomãk pa'kâga wat nakõmnap 'et opik. Wat owã ḡa' wat, owé tap toy okât kanãp wen, wen kanãp Açaí kây kanãp, kanãy to'wa kōam faculdade kây 'wet kanãp to'wa. Obara'kât yâye' 'wet omên páy nã naxey tã. Mĩn escola 'a' pe', alunos tabet wen, wen to'wa i'wero mã'. Kanãy tabet ãy 'e' to'wa explicar yet kanãp i'wero pãt kanã kây. Mekõm mã môm tap kay valorizar to'wa toat cultura kây to wero kây to'wa. Lei pe' kanã 'et toxet yá wen, wen kanã i'wero mã to'wa. matérias específicas kanã to' toba aluno tap ensino médio, pãt tap pihmãm te'ep kanã xet fĩga i'wero mã'. Kanãy aluno tap páy 'et xahmây kãptem kanã xet fĩga péḡ wero mã', kanãy tap páy 'et kōam xahmâyrem i'wero mã', kanã xet fĩga. Kanãy mĩn tēna te'wero 'et to xáp kâga, kanãy te'et mĩn texahmãga wen, wen te'a te'et escrita mã fácil tem i'ke wen, wen kanãp i'wero mã, pa'piktem acentos ma' to' kanãpe' kōam. Kanãy i'yat cultura 'et to kãri nãn iga, kōam kanãpe 'wep owero yá, alunos tap kây tabet i'ke tona'tia escola 'a' kây, professores tap i'tãrap pik, kanãy tabet tona'tia professores tap péḡ nap môm pik. Açaí, kanãpe Intercultural kanãpe



*Sandra Arara*



cinco anos. Depois da formatura entrei no curso da Educação Básica e Intercultural, da UNIR (Universidade Federal de Rondônia). Nós lutamos para esse curso ser aqui em Ji-Paraná. Fiz o vestibular para o Intercultural. Não passei na primeira vez, mas na segunda passei. Em 2016 eu concluí. No curso eu aprendi a valorizar a nossa língua e a cultura também.

Durante o AÇAÍ eu me casei. Já tinha um filho e uma filha. Quando ia para o AÇAÍ, deixava as crianças na aldeia. Com Ito eu tenho 4 filhos. Todas as crianças ainda estão aqui comigo. A mãe ajudou a cuidar dos filhos durante o AÇAÍ e a faculdade. Assim eu consegui terminar o curso. Quando eu voltava das aulas, também ajudava meu marido a fazer roça.

### **Língua materna**

Hoje na escola os alunos estudam na língua materna. Eles entendem melhor o que eu estou explicando e administrando. A língua materna é uma matéria. Assim, eles valorizam a cultura e a língua de cada povo.

Na lei diz que precisamos ensinar a escrever e ler na própria língua. Mas faltam materiais específicos. Com os alunos de ensino médio nós estamos produzindo materiais na língua. Para alguns alunos é mais fácil escrever português, para outros é mais fácil na língua materna. Hoje tem uma escrita da língua Arara. Agora nós estamos nos acostumando com essa escrita. Não é fácil, ainda têm muitos acentos.

A língua precisa ser viva, também na escrita. A cultura também precisa ser viva. Por isso eu estou incentivando a leitura e a escrita na nossa língua. Antes, os alunos não vinham para a escola quando tinha professora indígena. Só vinham quando tinha professora não indígena.





*Sandra Arara*

'yet i'ke i'yat tap to' maxahmây nã i'yat cultura karo'wa to kãri nã. 'Yet ibetõa i'wero mamõm ye', kanãpe i'kap i'yat tap to' maxahmây nã, praticar yá'. Te'et ka'a'a' pe' te'et i'ke tebetõa péğ wero mã', nakõnnap to' maxahmây nã, mekõm mãm tabep péğ wero ara, nakõnnap páy top kanãp. Kanãy i'tãrap páy 'et to xawero ma'i kanãp to wero to' tãga. I'wero kãri nãn yãye' yet yat i'ke ixahmây nã ibetõa magot yá i'wero mã'. Kanãpe i'kap i'yat tap nêt tap to' maxahmây nã i'wero mã'. Kanãpe, wat owé tap kay wen, wen to'wa i'wero mã', kanãy to'wa kõam toat cultura ma praticar nã. Mĩn tokõna pãttem mãyamãt kanã ay, kanãy to'wa nakõnnap wen, wen to'wa mēganã pãt professores tap mãm pik, kanãy professores tap péğ tap to'wa semana ma'pera kõam wen, wen to'wa tap kãy.

No AÇAÍ e no Intercultural aprendi que se a gente não ensinar e não praticar a nossa cultura, vamos perdê-la. Só nós somos falantes da língua Karo Arara. Então precisamos incentivar os jovens para que a continuem praticando.

Na nossa casa só falamos na nossa língua. Não falamos em português. As crianças aprendem o português por conta mesmo, em contato com outras crianças. Têm povos que depois do contato perderam a sua língua. Depois que a língua acaba, a gente não volta a falar. Precisamos incentivar a nova geração a continuar falando na nossa língua.

Espero para o futuro que os meus filhos fiquem estudando na língua e praticando a cultura. Hoje, estar fixo aqui é um pouco melhor do que antigamente, porque agora as crianças podem estudar aqui mesmo. Têm professores da aldeia mesmo e os que vêm de fora passam a semana inteira aqui.





*Marli Peme Arara*





## *Marli Peme Arara*

### **Ibeara kanã**

Maria Luiza ġa' at owé ġa' onãn nãn Pedro pihmãm. Onéra kokây 'wep Atãġ takât iga xo' omẽn nã.

Kanãy 'wet i'ke omẽn ya'ti nã xo' 'õn aya'ti nãn i'ke xo', 'õn i'nõ ká' ya'ti nãn i'ke, 'õn obeara kanã ya'ti nãn i'ke yegope' kanãy 'at wiri kanã makëna okây 'õn ira kât nãt to'wa. Kanãy te'et tabet tobenaop to' ya i'tá tap tap to' mabetét nãt to'wa. Tabat iyõmnap tap toat owé tap xey tap to' pãn. Kanãy 'wet oyã paramu 'wa, kanãy Atãġ wa'ye' toyã opírem, kûgomât kanã mêt ã owa'ye'. Kanãy wat owã ġa' wa'ye' eberaa ekay to'wa okây. Kanãy xirup owa'ye' obe'xûra. Kanãy Atãġ at iyõm wa'ye' tobakára okây. Mekõm tabet mâymãm to benaop to' ya i'tá i'yat tap to' mabean nãt to'wa. Xarogaro kõmnem, pagon tóptem to'wa to ket to nã tobenaop to' ya. Wiri kanã to' ma'iba, ã ma'pây ġa' at manĩk kap napára 'erem ma'wût at manĩk kap mã'.

### **Mẽn**

Wat aldeia pe' 'wep "Eduardo" toba mêt Iterap pe' pég a'nãn, kanãy 'wet aya'ti nã, kanãy wat tabet i'ke xo' ã to'wa arakâga ye' to'wa FUNAI manérem ã yahmãm. Kanãy 'wet xo' Gavião an iga xo' aya'tiro nã, Zoró pik 'wet iga xo' obe'xûn iga. Pâyrem át oay, terobean yâye' te'wa'ye' Karipuna tap pikop te'yoba, wat owã ġa' 'et to yã Kaipu pihmãm kanã pe'. Xet totóp tap pe'net te'a te'koroba kanã kây.

### **Wen wen kanã**

1992 mã' 'wep wen, wen wa YAMA at curso to' tĩga kanãy 'wet FUNAI at professor páro top kanãp oxahmây nã, professor, ya'wan yâye' owa'ye' wen, wen 'wa axabéya pe' 'õn wat curso ma



## *Marli Peme Arara*



### **Promessas de casamento**

Sou filha de Maria Luiza e Pedro Arara. Quando era bem mais nova, fui prometida para casar com o Mercadoria Arara. Ele era um pouco mais velho do que eu, mas eu não queria me casar ainda. Eu não gostava dele e de ninguém, só não queria me casar naquele momento. Ele mandava comida pra mim, dando sinal que toparia se casar comigo.

Naquele tempo a comunidade fazia festa para arrumar os casamentos. Os pais arrumavam os casamentos para os filhos. Na festa, eu me sentei num banco e aí colocaram o Mercadoria para sentar perto de mim. Eu perguntei o que era aquilo? Aí minha mãe me disse que era para eu me casar com ele. Eu saí correndo. O pai do Mercadoria ficou bravo comigo, mas não me importei. Antigamente os casamentos eram para sempre. Faziam festa de dois ou três dias, com muita comida e bebida. Às vezes a moça nem queria casar, quando pensava que não, lá estava a rede do rapaz por cima da rede dela.

### **Marido**

Conheci o Eduardo dentro da minha aldeia Iterap; ele não é indígena. Eu gostava muito dele, mas ninguém da minha comunidade queria que eu me casasse com ele, muito menos os brancos da FUNAI. Para fugir desse sentimento eu queria me casar com um Gavião, com um Zoró, com qualquer um, desde que eu conseguisse fugir disso. Eduardo era bem mais velho do que eu. Logo depois que nos casamos fomos morar com os Karipuna, onde minha mãe morava com o Caipu. Fomos para lá para deixar essa situação passar um pouco.

### **Estudos**

Comecei a estudar para ser professora quando eu tinha uns onze anos. Em 1992 comecei a participar dos cursos da ONG Yamá. Durante o curso fiz estágio aqui na minha aldeia, observando o professor da FUNAI. Quando o professor saiu daqui, eu assumi a sala de aula, antes mesmo de





*Marli Peme Arara*

kãri nãn kotóp kokây. Kanãy FUNAI wa'ye' oma contratar nã. Professora ģa' nã 'wet nãt to'wa. Matéria māk to mǎ 'wep wen, wen 'wa. YAMA material ma'āt te'mām kōam kanã to' tīgan curso pe'. Aluno tap pa'kât i'ke pa'piktem yegope, nakōmnap kōam. Íttem aluno tap 'et toro xahmây nã péğ, wero noa. Obean yâ Eduardo ara ye' 'wet owûya professora ģa' nã' kotóp'wa, caripuna tap pikop te'ep te'yoba, kanãy wat awa wa'ye' oxabéya pe' to' yã prefeitura 'erem 'at to contratar nã professora ģa' páy pihmãm FUNAI pât ģa' pihmãm. Oba'rakât yâye' 'wet kanãkam wen, wen 'wa sala de aula pe' estado oma contratar nãn.

### **Projeto Açaí Intercultural pihmãm**

1999 pe' projeto açaí wa'ye' to' mǎġa, i'tâ tabat, magistério pât kanã estado yét projeto tīgan 'õn Sebastião, Rute te'a tena'mãya yét curso tīga oxeway yâye' açaí tīga ye' 'wet, curso de formação continuada to' tīga. Kanãy komã Intercultural 'et to' aprovar nã Universidade Federal de Rondônia 'erem, kanãy te'et kanã xeyega lutar, te'a', ã péğ 'et i'ke xo', UNIR pâtap mãm kanãy péğ páy 'et kōam te' páy nã te'wero ma'ã, mēt Ji-Paraná pe' kanã tīga to'wa, Projeto Açaí omaxahmây nãn kōam xúrem aula to' ma preparar nã kanãy wen, wen to'wa kōam, kanãy to'wa kōam wat tabat historia to' xet tīga. Kanãy Intercultural 'et omaxahmây nã, manē to'wa, 'õn wat tap xet to' pabûy 'nãt to'wa, refletir 'wa tabat kanã kây. Kanãy 'wet oxahmây nã tēna kōy péğ 'et i'târap kây ã 'wa. Kōy politica 'et ã 'wa. Kanãy wet mĩn wat planejamento tīga wen wen 'wa páttem, kanãy 'wet vencer 'wa cinco anos kây.



## *Marli Peme Arara*



concluir o curso do Yamá. Aí fui contratada pela FUNAI como professora. Eu dava aula de todas as matérias e era em português. O material didático era fornecido pelo Yamá, que era produzido durante o curso de formação.

Naquele tempo tinha poucos alunos porque não tinha muita criança. Os alunos conseguiam aprender um pouco, apesar de ser em português.

Quando me casei com o Eduardo deixei de ser professora porque fui morar um tempo com os Karipuna. Sebastião, meu irmão, ficou no meu lugar. A prefeitura fez contrato com ele. Junto com Sebastião tinha uma professora da FUNAI. Quando retornei dos Karipuna, voltei pra sala de aula, contratada pelo Estado de Rondônia.

### **Projeto AÇAÍ e o Intercultural**

Em 1999 surgiu o Projeto AÇAÍ, de formação do Magistério Indígena, de responsabilidade do Estado de Rondônia. Eu, Sebastião e Rute entramos nesse curso. Depois que concluí o AÇAÍ fiquei só fazendo formação continuada, até o Curso de Formação Básica e Intercultural da Universidade Federal de Rondônia ser aprovado. Lutamos muito por este curso. Havia muitas resistências, principalmente dentro da UNIR mesmo, mas também tinham muitos que nos apoiavam. Brigamos também para que ele acontecesse aqui no campus de Ji-Paraná.

O Projeto AÇAÍ me trouxe muito conhecimento. Me ajudou a planejar as aulas e a ensinar. Também me ajudou a pensar sobre a história do meu povo, a refletir que pertencço a um povo. A licenciatura no Intercultural me deu mais conhecimento ainda, me fez ter um olhar para a defesa do meu povo, me possibilitou a ficar atento sobre como os brancos tratavam e tratam os povos indígenas, como o Estado nos vê e como são as políticas públicas para nós. Nesse curso aprendi mais sobre meus direitos e os direitos indígenas, aprendi a ser uma boa professora, a fazer um bom planejamento, a dar uma boa aula. Foi um caminho longo, cinco anos, mas consegui vencer.







*Marli Peme Arara*

### **Professor mané**

Kanāy 'wet kōam 2016 pe' o contratar nã professora nível B ģa' nã lei estadual 578/2010 'erem concurso pe', kanāy 'wet mĩn professora ģa' nã aluno de 1º ao 5º ano tap kây.

### **Interculturalidade**

Páttem wat aluno tabet nãt wen wen to'wa valorizar to'wa toat cultura kây, kanã ya'ti nã 'wet. Péğ at kanã toba manã kanāy toat kanāy xet to' matóy yahmãm, yeganã kây interculturalidade to'wa. Área páy to' tĩg kanã ya'tinã 'wet xo' tap nêt tap kây, professor móm nã i'ke tap kay xo'. Kanāy estudante tabet toba'kâga wen wen kanã ya'ti nã área páy to' pe'.

### **Professora efetiva**

Em 2016 fui contratada como professora de nível B, previsto na Lei Estadual 578/2010. Passei no concurso e agora sou professora do 1º ao 5º ano.

### **Interculturalidade**

Eu quero que meus alunos tenham um ensino de qualidade, que valorizem nossa cultura, nossa língua, nossos costumes, que aprendam os conhecimentos da sociedade ocidental, porque isso também é importante, mas sem deixar de valorizar os nossos conhecimentos. Isso que é o diálogo intercultural, né? Também quero que os jovens tenham a possibilidade de estudar em diversas áreas, não só no Intercultural, para ser professor/a. Há muitos estudantes que gostariam de fazer outro curso na universidade, em outra área, também importante para o seu povo.



*Mariza Xagaro Piwãw Arara*





## *Mariza Xagaro Piwãw Arara*

### **Kanã mãga**

Marisa to'wa oxet pagon to' páttem wat owé tap. Na'kyt takâga 'wet, professora gã' onãn wat aldeia pe', wat tap pikop 'wep wen, wen 'wa Paygap pe'. Wat owé gã' pây gã' Maristela nãn, Romário, Maria Eduarda, Gabriel to'wa. festa pe' 'wep omên toba yané a'tia kanãp, kanãy te'et ya'ti nã, kanãy te'et terobetéra, kanãy owa'ye' o'ût pâra kērem. Kanã ay te'wa'ye' terobeara manérem.

### **Professora gã' owé tap, naxey**

5 tem wat kanã xipap to' wen wen 'wa professora gã' nã, 1° à 3° ano tap kây 'wep wen, wen 'wa. Wat owã gã' wat owé tap toy o'at kanãp wen, wen kanãp, wat awe gã' pihmãm. Dificil tem okây wat owé tap toba kanãy wen wen 'wa kanãp. Kanãy 'wet naxey kây kōam o'a wat wirik kanã ara kanãy 'wet o'a kanã ya'ti nã naxey kây wat wirik kanã ara. Oxamât naxey kây o'a wa wat iyōmnap pihmãm. 'Õn pég at wirik kanã ya'ti nãn i'ke mómnm, oxamât yeganã kây. Oxagâp to' tīg kanã ya'ti nã, anew kap, makãri, ip kap 'wa. Wen, wen 'wet mĩn kanãy 'wa kōam o'a naxey kây. wat owã gã' ikap wirik kanã tũra mĩn, pég wero (Português) mã 'wep wen, wen 'wa mĩn matemática pihmãm. Nãya ara 'wet yomĩt 'wa naxey pe'. 'wet wen, wen 'wa Projeto Açaí pe' kope 'wep wat owé tap yoara wat owã gã' pik, dificil tem okây yegope, kanãy wat owã gã' 'et tema'ú nã, kanãy to'wa wat owé tap ma'ú nãn iga kōam. Kanãy te'et dois meses tem te'yoba wen, wen te'a páttem 'wet oxahmây nã, wen, wen 'wet 'nãt wat tap kây 'wa.



## *Mariza Xagaro Piwãw Arara*



### **Apresentação**

Meu nome é Mariza, tenho 4 filhos, e sou casada com Célio. Sou professora na minha aldeia, na minha comunidade aqui no Paygap. Meus filhos, a mais velha é a Maristela, depois Romário, depois Maria Eduarda e por fim, o Gabriel. O meu marido e eu nos conhecemos quando ele veio pra cá, passear, numa festa aqui. Namoramos um tempo e depois decidimos nos casar. Logo, logo eu fiquei grávida. Aí nos casamos.

### **Professora, filhos e roça**

Eu sou professora agora por cinco anos. Sou professora do primeiro até o terceiro ano. Minha mãe e minhas irmãs cuidam dos meus filhos. Pra mim é difícil cuidar dos meus filhos e cuidar da sala da aula, cuidar das crianças para quem dou aula.

Eu tiro hora também para ir pra roça, pra pegar as minhas coisas lá. Eu gosto muito da roça. Me acostumei a trabalhar na roça com os meus pais e avós. Nunca gostei muito da comida de branco, gosto muito da comida da roça mesmo. Já me acostumei com isso. Gosto também de fazer as coisas, comidas, anéis, colar, pulseira.

Hoje mesmo eu já dei aula e depois fui pra roça. A minha mãe fez almoço hoje. Eu dei aulas de português e matemática. Na roça busquei milho e pupunha. Durante os meus estudos no Projeto AÇAÍ (magistério indígena) deixei os meus filhos com a minha mãe; isso foi difícil. Ela já criou a gente, e agora tem que cuidar dos netos. Para mim é difícil, mas deixei com ela. Cada módulo eram dois meses longe. Mas vale a pena se formar, para depois dar aula para os alunos da aldeia. É bom quando a professora é da aldeia, quando os próprios índios dão aula, para não depender tanto dos brancos.





## *Mariza Xagaro Piwãw Arara*

### **Wen wen 'a'**

Ensino médio kât i'ke mêt kōam tabet toxewaba ensino fundamental pe' tona'wûya Ji-Paraná kây, Nova Colina kây to'wa kōam. Wat sobrinha ģa' Nova Colina kây to'a. ensino médio itóp te'et escola 'a' pe'. Ikolem pemóm, Iterap to'wa ensino médio 'ep to kâga. Professores tap pég tabet i'ke wen, wen to'wa aldeia pe' tabet i'ke imaxahmây nã i'wero mã. Kanãy professores tabet wen, wen to'wa i'wero mã, kanãy pég 'et i'ke toxahmây nã. Kanãy tabet i'ke toroxahmây nã i'yat cultura toba. Kôm ahyâ aluno tabet toba'kã ã pég 'et i'ke toxahmây nã toat kanã móm mã 'ap imaxahmây nã. I'yat kanã kôm i'ke pég at kanã, kanã wa'ye' difícil tem. I'yat tap kay ahyâ toroxahmây nã i'yat kanã toba mênã. Importante tem yeganã. Kanãy i'yat nakōmnap 'et wen, wen to'wa pég pikop kanãp pég at kanã móm toba toxahmây nã. Kanãy 'wet tin oxára ká' toya. Kanã 'et importante tem i'kây ibenaop kanã, i'yat crença, i'yat agóa'pât tap i'óra to', i'yat mākãri fíg kanã to' to'wa iromapû kanã to to'wa kōam. Kanãy escola 'a' 'et tík, kanã mã' iromaxahmây nã pég at kanã, kanãy i'yat kanã to'wa.

Kanãy 'wet oxahmây educação at setor 'et i'ke valorizar to'wa i'yat cultura kây ã 'wa. Kanãy kanã 'et tomãk mudar nã. Wayo at na'na kanã pe 'wet oyã manã wen, wen 'wa sala de aula pe'. Kanãy SEDUC 'et kanã to' ma mudar nã. Na'na kanã yãn yâye' 'wet i'ke kanã toy iga. Respeitar tabet i'ke i'yat calendário kây. Mekôm kanãp ecola 'a' 'et i'xá makâga to'wa. Kanãy comunidade tabat aprendizagem 'et importante káptem nakōmnap kây pég at currículo kanãy. Atividade yãn yâye' tap karo'wa manã participar to'wa kōam. Importante manêrem i'yat kanã. Karo'wet i'ke wen, wen karo'wa ye' yegope ye' te'ka te'a falta ma'ã karo kây coordenadora tabet te 'kây. Mekôm tabet tin.

Kanãy nakōmnap wen, wen to'wet iga toat direito ma defender nãn nât to'wa. Kanãy wen, wen tap páy 'et toba'kâga curso páy to' fíg kanã ya'ti nã intercultural tóp kanãp professor at kanã fíg kanã ya'ti nã yahmãm. Enfermagem fíg kanã ya'ti nã 'wet, wat awa at owé ģa' 'et. 'Õn wat tap páy nãn nât área páy to' pe' to'wa.





## *Mariza Xagaro Piwãw Arara*



### **Escola**

Aqui mesmo não tem ensino médio; o pessoal que está terminando o ensino fundamental está saindo para Ji-Paraná ou para Nova Colina. Minha sobrinha mesmo está indo para Nova Colina. Aqui não tem ensino médio por falta de professores. Na nossa escola falta o ensino médio. Aqui não tem. Só lá no Ikolén e Iterap tem ensino médio.

Os professores não indígenas que ensinam nas aldeias não podem ensinar na língua. Os professores indígenas fazem isso, e os brancos não sabem. Eles também não conhecem as coisas da cultura. O branco que vem não sabe como o aluno vive. Vai ensinar só português e a cultura dele, aí fica difícil. Isso é a diferença: da língua e da cultura do branco.

Eu espero que nossos alunos no futuro possam aprender as coisas da nossa cultura, os jovens possam estudar sem perder a cultura. Isso é importante. Quando as nossas crianças saem para estudar fora seguem só a cultura do branco; isso me deixa preocupada mesmo. As coisas mais importantes são as danças, a crença, os pajés, a música, o artesanato, o enfeite, a pintura corporal. A escola precisa fazer as duas coisas, ela precisa ensinar as coisas dos brancos e a nossa também.

Hoje eu sinto que o setor de educação não está dando valor para a nossa cultura. Tudo está mudando. Quando teve o encontro de pajés lá na outra aldeia, eu não pude sair, e fiquei na sala de aula, dando aula. A SEDUC mudou tudo de uns tempos pra cá. Quando têm as festas, não posso participar. Eles não respeitam o nosso calendário. Deste jeito a escola atrapalha. Assim, tudo mudou. Quando tem atividade não posso participar, preciso ficar na sala de aula.

As aprendizagens na comunidade são mais importantes para as crianças do que o currículo escolar. Quando têm atividades elas devem participar também. É bem importante. A coordenadora veio aqui e disse que vai dar falta pra nós quando nós não damos aula nestes momentos. Assim eles falaram.

Mas as crianças precisam estudar para defender os seus direitos. Têm estudantes que querem fazer outro curso, do que o intercultural ou o curso de professora. Minha sobrinha falou que ela quer fazer outro curso, como enfermagem, para ajudar o povo em outra área.





*Mariza Xagaro Piwãw Arara*

**Wen, wen kanã, Naxey**

I'tá naxey ya'ti nã'wet tin aget tap kây, ma'pâyrap kây comunidade at reunião to' pe' kōam. Kanãy wat iyōm 'et wat owã ãa pihmãm âk naxey kây to'wa. I'yat iyōmnap 'et i'ke naxey toba ye' tap 'ût tabet tin i'ke to mãra'a. Kanãy 'yet naxey ya'ti nã pég at kanã móm ya'ti nã i'ke i'kây. Kanãy tabet iyōm tabet i'ke âk to'wa mĩn tamaxahmãga.

Kanãy tabat iyōmnap 'et to' móm mãra'a to'wa, kanãy ma'wût, to' móm 'a, ma'pây ãa to' 'at yahmãm to'wa. Kanãy wat iyōmnap 'et teya'xi ta'a naxey wiri kanã an 'nãt to'wa. tãwrem i'ke naxey mãy mãm, mẽrem xo' te'et te'yoba kanã pírem. Páttem xo' mekôm. Wãwrem tamãk xo' mãy mãm. Mĩn pãt aget tabet i'ke to mãra'a naxey kây. Kanãy 'wet tin tabat iyōmnap toba professora ãa' noa. Wen, wen kanã pãttem wat owẽ tap tabat iyōm tabet tin ko'mãm tamãra'at a'pem to'wa. Karo mãra'a manã escola 'a' karo xá makãt i'ke 'wet tin takây. Kanãy tabet toroxahmãy nãn iga toat iyōmnap pik kōam. Kanãy 'wet yat i'ke falta maya e'at, et iyōm pik 'wa. mómnmem i'ke 'yet i'a naxey kây xagarokôm koya 'yet semana pe', yeganã 'et i'ke i'xãmakãt iga. Mekôm tabat iyōmnap 'et tin, kanãy 'yet tabat iyōmnap wero toy iga pãttem maãgot, maãgot 'ya. Kanãy 'wet wat nakōmnap ya'xi ta'a naxey kây makãri to' fĩg kanãp 'wa kōam. Ma'wût móm kanã fĩg kotoy yahmãm, kanãy 'wet amaxahmãy nã manã kōam. Kanãy 'wet yeganã ma'pera takây. Kanãy 'wet tap to' maxahmãy nã makãri to' fĩg kanãp. O'at kanãp naxey kây kanãp 'wet tamãk ya'xi ta'a, mara'ã tã, manĩ ta, nãya tã tabet 'nãt wa. 'Õn na'mẽk kap tũra kanãp tabet opírem toyoba opáro toba, kap tũra kotoba. Mekôm 'wet wat owẽrap kây. Kanãy 'wet kōam tamaxahmãy nã tap pâyrap ma respeitar nã. Agóa'pãt tabat na'na kanã yãn kanãp 'wet tin kahmómnmem karo yoba tawero toba 'wa takây kōam.



## *Mariza Xagaro Piwãw Arara*



### **Estudos e roça**

Com as outras mulheres jovens eu sempre falo na reunião da comunidade que nós precisamos ir na roça, as jovens também. Sempre meu pai e minha mãe falam que preciso ir. Se a mãe não vai pra roça a filha não vai, o filho não vai. Precisamos trabalhar na roça, não simplesmente seguir o caminho do branco. Mas os pais hoje não chamam os jovens para irem pra roça, não dão incentivo. O pai ou a mãe vão sozinhos, o marido da mulher não vai. Nos encontros eu sempre falo que meu pai e minha mãe nos chamavam para ir na roça, buscar as coisas. A roça não era longe antigamente, era perto de onde nós vivíamos. Era bom assim. Todo mundo trabalhava; éramos animados.

Hoje em dia os jovens não querem ir pra roça. Sempre falo com os pais deles, como professora. Mas os pais dão desculpa pelos filhos: “Meu filho está estudando, por isso ele não vai pra roça.” Eu sempre falo: “Pode ir, a escola não atrapalha nada.” Eles precisam aprender com o pai também. Eu não vou colocar falta no aluno, porque ele também precisa aprender com o pai e a mãe. Não precisa ir pra roça todo dia, só duas vezes por semana, isso não atrapalha. Isso sempre é a desculpa do pai. Nós precisamos discutir isso mais vezes com os pais.

Eu levo as minhas crianças pra roça e quando eu faço artesanato elas ajudam. O menino não pode participar quando eu faço colar, mas sempre ensino as meninas, passo isso para elas. Eu ensino elas também no artesanato. Quando eu vou pra roça eu levo todos eles pra plantar inhame, mandioca, milho e outras coisas. Quando eu faço macaloba, eles ficam pertinho de mim, olhando, participando. Faço assim com os meus filhos.

Eu ensino eles também a respeitar os mais velhos. Quando tem uma festa, como a da pajelança, eu falo com eles também, que eles precisam ficar quietos, se sentar, ficar escutando e olhando o que o pajé está fazendo ali.





## *Mariza Xagaro Piwãw Arara*

### **Kanã kêt kanã – Ibi'ara**

Kanã 'wet pia'attem kanã 'et to kéra, kanã kây. Tap nêt tap kây 'wep pia'attem tap kanã pexép fígan yat 'wa, kanã to'wa kanã ma seguir nãn iga. Kanã 'wet obia'ara omakõn nã 'wa aget tap na'wûya kanãp cidade kây kanãp, ibia'ara komã 'yep. I'tá i'yat naxo ma perder nãn yat 'wet kõam obia'ara. Kõm i'kay itá i'yat naxo ma perder nã kanãp 'wet wat iyõm kây. Kûgomât kanã fíga i'kay, pia'attem 'wet yeganã kây.

### **Wat owã gã'**

Wat iyõmnap at owé gã' pây gã' onãn, ma'pây gã' nã. Cinco tem wat awe gã' to' xagaro kõmnm gã' mêt gã' to' oay. Kanã te'et wat owã gã' pihmãm te'wero to' toba kõm karo'wet karo pa'kâga mây mãm 'wet tin gã' kây. Gã' wero top kanã ya'ti nã 'wet makõnnem gã' at historia to' kõam. kanã gã' 'et owero toba kõam. Kanã gã' omaxahmây nã. Mekõm topâ te'et teba'kâga xo' ã gã' 'et omatõa to'wa. Kanã gã' 'et wat owé tatoba, wat owé tap ya'ti nã gã' 'et kõam.

Pát káptem gã'et tokâga mây mãm mĩn pát kanã ay, kanã 'yet i'ke i'xára ká' toya. Kanã 'yet mĩn preocupante tem iba'kâga gã' 'et. Mekõm i'ke xo' mây mãm gã' 'et. I'wát koto pemóm 'yep táwrem iya'wara i'piro gã' 'et .

### **'Ût tap mapâra**

Cidade pe wep wat owérap mapâra normal tem wet yané mamât mawûya kanã wet opên komã tap páy to' pe'. Ji-Paraná pe móm ma'pâyrap to' 'ût tap mapâra mĩn. Kayaro pem tabep to' 'ût



## *Mariza Xagaro Piwãw Arara*



### **Futuro – medo**

Quando eu penso no futuro do povo Arara eu fico com medo. Tenho medo que um jovem possa fazer coisa errada, seguir aquilo lá. Eu fico com medo e triste também quando um jovem sai daqui e vai pra cidade. É preocupante para a gente. Eu tenho medo também de perder a terra. Eu falei com o pai: O que a gente vai fazer se um dia a gente perder a terra? O que a gente vai fazer? Sempre fico com medo dessas coisas.

### **Minha mãe**

Das mulheres eu sou a filha mais velha na família. Tenho cinco irmãos mais velhos do que eu e duas irmãs bem mais jovens. Minha mãe e eu sempre trocamos ideias e eu sempre pergunto muitas coisas pra ela: Como ela vivia, como eram os antepassados, eu pergunto muito dela. Eu gosto de ouvir o que ela fala. A história dela é triste também. Ela fala muito comigo. A gente troca ideias, conversamos bastante. Ela conta muita história dela, como ela vivia. Ela cuida dos meus filhos e eu cuido deles também. Ela gosta muito dos meus filhos.

Têm grandes diferenças na vida dela no passado e agora. Antes ela vivia bem, ela não ficava preocupada com as coisas. Hoje, ela fala que é preocupante, as coisas estão mudando muito. Os próprios Arara estão mudando. Ela fala: Antes não era assim, não. Era tudo animado e era tudo junto. A gente ia pra lá e pra cá nas casas dos outros. Hoje não. É difícil. Ela fala que as coisas mudaram muito.

Mas ela fala também que havia tempos sofridos. Ela morava longe e quando uma pessoa ficava doente, precisava ir pra cidade a pé. Esse problema já não temos mais. Hoje estas coisas já são mais fáceis.

### **Partos**

Eu ganhei todas as minhas crianças na cidade. O primeiro parto foi normal e os três outros foram cesariana.







## *Mariza Xagaro Piwãw Arara*

tap to' mapára xo'. Kayaro pem wat owã ģa' 'ep wat awerap mapára. Ğa' ara komã CASAI 'et kanãy, Ji-Paraná kây ģa'ra'a. ģa' to' pěn i'ke pexěp to'wa. Ğa' pepěm ģa' 'et i'ke kanã pi'ti xit tapĩgat iga. To'a naxey kây manĩ xit ara, nãya xit ara to'wa. Ğa' normal toxeroba kėyrem.

### **Tena'ora Paygap kây**

Fácil tem i'ke te'et tena'ora mět aldeia kây. Iterap pe' te'yop werem xo'. 5 ou 6 anos tem wat kanã xipap to' xo'. Wat iyõm yaně to'tia mēganã xabéya toy. Kanãy komã a'wa'ye' pėĝ 'et topâ kanã ma invadir nã to'wa. Kanãy a'wa'ye' toto wero toba, ite Carlão wero toba to'wa âk kanã kây i'yat aldeia ma organizar nã to'wa. Tamõm ina'tiap werom, kanãy komã tabep owã ģa' ara, te'ara. Naxo móm xo' mět mây mãm. 'Õn owã ģa', wat awarap, to'wa tena'tia. Te' piru mã' te'et tena'ora. Wat iyõm xagâp xit to' ta'wan, kařia ya'xi takâga te'et yate, na'wây te'a. Wat toto, wat awarap to'wa xagâp páy to' ta'on. Kofírem te'et mú takâga. Amãn to' 'oa te'et pebixey pe' tero ximéga, texagâp to' toro ximéga. Tebixóyara te'et pebixey pe' té kanã nõ' 'úp ta'wan i'ke yegope, iyõm penã ta'wan fazendeiro wero toba, kanãy 'at wiri kanã ara. Iwa tatia 'at, op biscoito kap to'wa. owã ģa', kanã nõ' 'úp takât i'ke te' wi 'nât to'wa. Te xagâp mâk to' ximégat. "Kõm i'kay tãna?" apây ģa' wa'ye'. Obara'kâga okay ģa' wa'ye' xo'. Te'et kařia ya'tey, oito tem aya'tep mēnã? Napi 'úp pěya wat iyõm wa'ye', ka'a'a yat i'ke xo'. Iyõmnap naxey pěn mây mãm mět toto pihmãm, ite Carlão, Paraxik, Yexo to'wa. Ka'a to' pěya te'wa'ye' paya xũ mã' kanã mot to' pâttem xo' mět mây mãm. Ahoy ma' pâttem xo'. Té ahoy ma' an i'ke xo' mercado pe'. Túĝ ká' pe', te'ep, te'et ahoy ma' pěya, káptem xo'.



## *Mariza Xagaro Piwãw Arara*



As mulheres agora vão todas para Ji-Paraná para ganhar os nenês. Antes, não, elas ganhavam em casa mesmo. A minha mãe mesma, ela ganhou a última filha aqui em casa mesmo. Depois, a CASAI buscou ela para ir pra Ji-Paraná. Ela ganhou todos de forma normal, minha mãe.

Pra mim ganhar criança normal é mais fácil. As minhas sobrinhas também ganharam suas crianças de forma normal, a Juliana e a Mariana. Ganhar normal é mais fácil porque a gente não sente dor, com cesariana precisa ficar de repouso. Depois, com a cesariana não pode carregar peso. Não pode ir pra roça e pegar sacos de mandioca, sacos de milho. Normal não é assim, já fica boa logo. Levanta da cama logo; com cesariana não, precisa ficar deitada.

### **Mudança para o Paygap**

A nossa mudança aqui para essa aldeia não foi fácil. Antes nós morávamos lá no Iterap. Eu já tinha 5 ou 6 anos. Primeiro o pai veio aqui olhar o lugar. Aí falou que tinha invasão aqui. Ele conversou com o vô e o Carlão: “Vamos para lá”, ele disse. “Vamos organizar uma aldeia para nós.” Eles vieram primeiro e depois ele voltou para buscar a mãe e nós.

Antes aqui era tudo mato. Viemos eu, a mãe e meus irmãos. Foram muitas horas a pé. O meu pai carregava as coisas, nós tínhamos galinhas, porco do mato, macaco. Meu avô e meus irmãos também ajudaram a trazer as coisas. Nós só tínhamos um cavalo. Nós pegamos chuva nas estradas, ficamos todos molhados, nossas coisas molharam tudo. Parecíamos uns pintinhos. Sei que essa viagem foi sofrida, sofri muito. Na estrada ficamos com fome. Não trouxemos nada pra comer. O pai foi na frente, falou com um fazendeiro e ele ganhou umas comidas. Ele trouxe banana, mamão, um monte de biscoitinhos. A mãe não tinha nem feijão nem nada pra gente, porque nossas coisas se molharam. A vô falou: “O que nós vamos fazer aqui?” Ela quis voltar. Nós sofremos muito aqui. As galinhas morreram, acho que oito galinhas morreram. O pai fez uma cabanazinha pra gente, não tinha casa, nem nada.

O pai, o Carlão, o vô, o Francisco e o Gerson já tinham feito roça aqui. Fizemos umas casinhas de palha. Aqui mesmo era cheio de plantação. Era muito arroz. Nós mesmos, eu, minha mãe, o pessoal que morava aqui, plantamos muito arroz. Eu e minha mãe não comprávamos arroz assim, no mercado. A gente pilava o nosso arroz no pilão. Era arroz novo. Era bom, feito na hora.





## *Mariza Xagaro Piwãw Arara*

### **Nova Colina**

Escola 'a' yat i'ke xo' mêt yegope'. Kanãy komã 'a' 'ep totia. Nãn tĩga karo kay iyõm wa'ye. Ka'to wen, wen kanã ya'ti nãn ahyâ to'wa? Fazendeiro kõam wen, wen kanã ya'ti nã yã karo'wet, to'wa naxey pẽn kanã ya'ti nã ahyâ karo'wet to'wa. Kanãy te'et wen, wen te'a escola D. Pedro II pe' João at fazenda pe'. Kanãy professora ãga' wa'ye' toya'wara. Kanãy te'wa'ye' te'et aldeia pem wen, wen te'a, te'et cozinha 'a' pe'. Ji-Paraná pãt professora tap wen, wen to'wa. Kanãy tabet tona'tia, kanãy tona'ti yahmãm to'wa. Kanãy te'wa'ye' Nova Colina pe' wen, wen te'a. Dificil tem wen, wen kanãp Nova Colina pãt escola 'a' okãy. O mõm wat awa pihmãm wen, wen te'a kanãpe. Dificil tem kanãpe'. Te'piru mã te'ep te'mã'ara te'a. Sexta feira pe' te'wa'ye te'xira'kãga ka'a'a' kãy te'a. Nova Colina pe' te'ep xo' te'yoba. Te'et ka'a'a' yat xo' kanãpe'.

Dificil tem i'tã kãy kanãpe'. Maxa'ût kãy kokõm pég 'et kanãpe' i'kãy. To xagaro mabixi komã tabep i'toba. Kanãy te'et teromakõn nã te'et iyõm tabet i'ke te'toba tona'tia ye' te'a. Omõm Ivan pihmãm oyã. Aget kõam te'pãy nãn kanãpe' te'toba. Aula xeway, yã sexta feira pe' ye' te'wa'ye' tena'wa te'piru mã. Dificil tem okãy xo'. Mekõm i'ke mĩn tokõna kanãy õnibus 'et to pe'pera mẽrem mêt.

### **Preconceito**

Té preconceito toy i'ke mõmnm mĩn. Kanãy pég nõ to' 'et ma'pãy ãga' Porto Velho pe' i'tã ãga' ahyâ enãn to'wa okãy, kũganã pãt enãn to'wa". I'tã ãga' onãn owa'ye'. Kanãy ãga' wa'ye' te'toba pixiptem. Kõm karo'wet karo ba'kãga karoat kanãpe' ãga' wa'ye' te'wero toba. Kanãy owa'ye' Shiley kãy ãga' i'yop kanã ya'ti nã i'ke mêt 'wa. kanãy ãga' 'et te'toba té café xũ 'ot kanãp hotel pe'. Escola 'a' pe' 'wep preconceito toba manẽrem. Tena'pega kanãp õnibus pe', pég 'et i'ke to na'pek kanã ya'ti nã te'pik Nova Colina ay, Ji-Paraná kãy. I'tãrap pãttem to'wa. Ma'pãyrap manẽrem sofrer to'wa preconceito kãy, mawût tap ay mẽnã? I'tãrap mãm tap nãn koãm komã pég 'et tĩk i'kãy maxa'ût i'ke xo' i'nãn. Loja 'a' pe' te'ep yeganã toba restaurante pe' te'a, kanãy 'at i'ke te ma' atender nã, kanã



## *Mariza Xagaro Piwãw Arara*



### **Nova Colina**

Naquela época não tinha escola, nada aqui. Foi depois que veio. O meu pai falou: “O que vocês querem? Querem estudar?” E o fazendeiro que veio também perguntou: “Vocês querem trabalhar na roça, ou vocês querem estudar?” Fomos estudar na Escola D. Pedro II, na fazenda do João. Aí a professora foi embora. Começamos a estudar aqui na nossa aldeia mesmo, na cozinha da nossa casa. As professoras eram de Ji-Paraná, às vezes vinham, às vezes não vinham. Ficamos muito tempo sem professora. Aí fomos estudar em Nova Colina.

A escola em Nova Colina era difícil pra mim. Só eu e meu irmão que ficamos estudando lá. Era difícil. Nós íamos a pé. Quando era sexta-feira nós voltávamos pra casa. Nós morávamos lá na Nova Colina. Tinha uma casa lá. Lá era difícil com não indígenas. Eles tratavam a gente como um bicho. Eles olhavam diferente pra gente. Nós ficávamos tristes porque a mãe e o pai não podiam ficar lá, eles tinham as coisas aqui. Ficamos só eu e o Ivan. Tinha um rapaz que cuidava da gente lá. Quando terminava a aula na sexta-feira, a gente vinha pra cá, a pé. Pra mim era difícil. Hoje não é mais assim, o ônibus passa por aqui agora. No passado não tinha nada.

### **Preconceito**

Hoje em dia nós não percebemos mais tanto preconceito. Mas os não indígenas ainda falam, como uma mulher em Porto Velho que perguntou: “Cê é índia? Você é de onde?” Falei: “Sou índia.” Ela olhou pra gente, era eu e a Shirley. “Como vocês vivem lá?” Ela fez muitas perguntas pra gente. Ela olhava diferente pra gente. Eu disse pra Shirley: “Ela não está gostando que a gente está aqui.” Ficou olhando quando a gente tomou café da manhã no hotel. Ficava olhando a gente, como se estivéssemos incomodando ela.

Na escola eu senti mais preconceito do que agora. Mas ainda hoje quando nós vamos de ônibus de Nova Colina para Ji-Paraná as pessoas não querem ir no ônibus. Isso me incomoda muito. Elas dizem: “O ônibus tá cheio de índios.” Elas vão reclamando até Ji-Paraná. Outras pessoas ficam em pé. Tem muita gente que ainda faz coisas assim. Talvez as mulheres indígenas sofram mais do que os homens, não sei. Eu gostaria que os brancos entendessem que a gente também é ser humano, não





*Mariza Xagaro Piwãw Arara*

yati nã. Kanãy tabet nanin otoa. Kanãy ma'pây gã' wa'ye' otoa, kanãy owa'ye' gã' toba kōam kanãy gã' wa'ye' tobe'xûra. Wen, wen 'wet kokây Nova Colina: I'tâ gã' onãn kōam. Kanãy tawa'ye' bugrinha, bugrinha to'wa oxet nã. Bugre tabet i'xet nã, ko'mãm mērem 'yet yâ i'tia 'ye tabet yeganã xet to' ma'ã, kanãy owa'ye' owéya, owéya 'wa. O'at yat i'ke magottem kanã kây owa'ye' wat iyōmnap kây. Oya'wara kanã ya'ti nã 'wet xo'. Wen, wen ã ekay wat iyōm wa'ye'. Péğ ka toxamãga a'wero taya kōam 'at. Âk ina'wara xãk mãm mûy mãm wat awa 'et okây i'xak mãm. Tîrem Ivan xo' toya'wara kanã ya'ti nã, xãk mãm te'wa'ye' sala 'a' pe' tap māk yop kanãp, aula xeway yâye' professora gã' wa'ye': bagunçar i'târap 'et i'ke, kanãy karo'wet, bagunçar karo'wa to'wa. Kanãy tawa'ye' oh índio, oh índio, uga, uga to'wa, to páro wĩa to' nãk ká' pe'. Kanãy te'wa'ye' wûk te'a a'wero toy yahmãm.

somos bichos. Que eles acabem com isso! Isso também acontece quando nós entramos numa loja ou num restaurante bom, e eles não querem nos atender. Às vezes as pessoas ficam me olhando, olhando. Uma vez uma mulher ficou me olhando e eu decidi olhar pra ela também. Depois ela parou de me olhar.

Lá na Nova Colina, quando eu estudava lá, eu falei: “Eu também sou ser humano.” Mas eles me chamavam de bugrinha, bugrinha. Eles colocaram esse nome de bugre em nós. Quando nós chegávamos perto, eles começavam a falar assim e eu chorava. Eu falei pra minha mãe e meu pai que eu não queria mais ir pra lá. Queria ir embora. Mas o pai disse que eu tinha de estudar. “O branco vai se acostumar. Você tem que falar com eles também”, ele dizia. De noite o meu irmão falou comigo: “Vamos embora de manhã cedo.” O Ivan mesmo tinha vergonha. Ele queria ir embora. Mas no outro dia nós entramos na sala onde todos já estavam sentados. No final da aula, a professora falou: “Os índios nem fizeram bagunça, e vocês fizeram bagunça.” Mas em outros momentos os alunos ficavam falando: “Oh, índio, oh índio, uh, uh” (com mão na boca). Nós abaixávamos a cabeça e não falávamos com eles.







## Mulheres Karo-Arara e o equilíbrio dos mundos

O que é viver uma vida boa? Como é possível seguir sendo Karo-Arara *no meio dos brancos*? Essas são algumas das questões que os meus amigos e amigas se colocam em muitas das vezes em que estamos juntos. Com as mulheres, aprendi – e as entrevistas aqui reunidas o mostram claramente – que fazer roças e parentes é uma das garantias para a continuidade de seus mundos. “Não dá para viver sem roça, tem que ter comida pra dar para o filho”, nos conta Alzira. Uma das maiores preocupações das mulheres Karo-Arara com quem tive o prazer de conviver era justamente com suas roças. Apesar da distância das plantações, da escassez de algumas sementes e do estrago causado pelos bichos do mato ou pelo gado criado solto por algumas famílias, os Karo-Arara nunca deixaram de investir em suas roças. Mesmo quando moravam no seringal e dedicavam parte do seu tempo em trabalhos para os patrões nunca deixaram de fazer seus roçados.

As mulheres, principalmente as mais velhas, são as guardiãs das sementes, empenham-se em preservar as mudas roubadas de Toto New (demiurgo karo-arara) por bico-de-brasa (ou xororó, a depender da versão) nos tempos míticos ou aquelas variedades trazidas pelo pajé Cícero Xia Mot do céu no passado recente. Essas sementes conectam passado, presente e futuro. Pelas mãos das mulheres, elas transformam-se em plantas e depois em comida e *namek kap*, a bebida que, de um lado, alimenta e faz crescer as crianças, criando corpos saudáveis e pessoas propriamente humanas, e, de outro, acolhendo os visitantes nos pátios familiares. Essa política do parentesco é encabeçada pelas mulheres, que não poupam esforços para manter suas roças, produzir bebida e comida, alimentando seus parentes.

Esse processo de fazer pessoas e fazer roças, na visão de algumas delas, vem sendo perturbado principalmente por dois fatores: certo desinteresse dos mais jovens pelo trabalho agrícola e uma recusa das famílias a trabalharem juntas. Assim, várias de minhas interlocutoras, mais idosas ou adultas, sentem saudades dos mutirões ou das roças comunitárias, lembrando-se da beleza que era um povo animado, da mulherada colhendo os produtos da roça juntas e produzindo bebida




coletivamente. Apesar desse lamento, pude presenciar vários convites de mulheres feitos às suas parentas para pegarem produtos de suas roças para se alimentarem ou serem usados como muda. Elas seguem trocando ou distribuindo sementes, ofertando suas plantas ou cedendo espaço para outras em suas roças. Com essa política, garantem a alimentação de crianças e adultos, homens e mulheres, possibilitando que os Karo-Arara sigam fabricando pessoas e se constituindo como um povo.

Mulheres e homens relacionam as transformações que vivenciam em parte a uma valorização do modo de vida dos brancos. Os Karo-Arara vêm inventando formas de viver em meio a esse Outro há décadas. Para isso apropriaram-se de algumas de nossas tecnologias e ferramentas. Dentre elas, as mulheres destacam a educação. Embora se ressintam pela fixação mais permanente na aldeia que a escola acarreta – o calendário escolar dificulta as saídas para a roça, as idas ao mato e a atualização o modo de vida karo-arara, extremamente vinculado às andanças pelo território –, as mulheres orgulham-se de sua trajetória escolar e do caminho percorrido para se tornarem professoras. Auxiliadas por suas mães, avós e irmãs, que ajudaram no cuidado de seus filhos, algumas mulheres fizeram da escolarização um caminho para entender o mundo dos brancos e valorizar os conhecimentos e saberes de seu povo. Sem nunca abandonar uma postura crítica em relação à educação intercultural e à política escolar do governo do estado de Rondônia, as professoras Karo-Arara trabalham para que a escola seja um lugar de acesso ao conhecimento dos brancos e onde o mundo karo-arara possa ser acolhido de alguma forma. Viver uma vida boa depende de um equilíbrio difícil de ser produzido entre esses mundos distintos. As mulheres empenham-se para isso nos espaços onde circulam tradicionalmente e naqueles que vêm ocupando nas duas últimas décadas, como a escola, a universidade e a política indígena.

*Júlia Otero dos Santos*

Professora de Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA-UFPA), desenvolve pesquisa junto aos Karo-Arara desde 2010.





Este trabalho descortina às leitoras e aos leitores um pouco do rico universo karo arara a partir do viés feminino. E essas mulheres têm muito a dizer. Suas falas ultrapassam as fronteiras do presente. Seus sentimentos, sua relação com o passado, com a terra, com as roças, com a família e com o futuro estão aqui expostos de maneira corajosa. Narram sua vida e suas experiências com firmeza, mesmo que seja doloroso falar das violências que conheceram quando crianças e jovens ao se deparar com o mundo dos brancos, com os quais seu povo estabeleceu contato.

*Lediane Fani Felzke*

Este livro tem a intenção de mostrar uma pequeníssima parte do mundo complexo do povo Karo Arara, contada pelas mulheres. As narrativas dessas mulheres nos mostrarão parte de suas vivências antes e após o contato com o mundo não indígena e seus olhares para o presente e futuro. Nas conversas não houve preocupação em delimitar espaço-tempo. Os relatos perpassam tempos antes do contato com não indígenas (que se deu por volta de 1940), pós-contato, até os dias atuais. As narrativas têm a intenção de mostrar as estratégias vivenciadas por esse povo e especificamente pelas mulheres: como conseguiram sobreviver ao contato e ao pós-contato, como elas olham a situação de seu povo hoje e quais as perspectivas para o futuro.

*Jandira Keppi  
Nienke Pruiksma*

